



# **CENTRO UNIVERSITÁRIO LUTERANO DE PALMAS**

*Recredenciado pela Portaria Ministerial nº 1.162, de 13/10/16, D.O.U. nº 198, de 14/10/2016*  
AELBRA EDUCAÇÃO SUPERIOR - GRADUAÇÃO E PÓS-GRADUAÇÃO S.A.

Isadora Rodrigues Cortes

A PRECARIZAÇÃO DO TRABALHO DOCENTE: uma revisão sistemática

Palmas – TO

2021

Isadora Rodrigues Cortes

A PRECARIZAÇÃO DO TRABALHO DOCENTE: uma revisão sistemática

Monografia elaborada e apresentada como requisito total para aprovação na disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) II do curso de bacharelado em Psicologia do Centro Universitário Luterano de Palmas (CEULP/ULBRA).

Orientadora: Profa. Me. Thaís Moura Monteiro

Palmas - TO  
2021

Isadora Rodrigues Cortes

A PRECARIZAÇÃO DO TRABALHO DOCENTE: uma revisão sistemática

Monografia elaborada e apresentada como requisito total para aprovação na disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) II do curso de bacharelado em Psicologia do Centro Universitário Luterano de Palmas (CEULP/ULBRA).

Orientadora: Profa. Me. Thaís Moura Monteiro

Aprovado em: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

BANCA EXAMINADORA

---

Prof.a M.e Thaís Moura Monteiro

Orientadora

Centro Universitário Luterano de Palmas – CEULP

---

Prof.a M.e Lauriane dos Santos Moreira

Centro Universitário Luterano de Palmas – CEULP

---

Prof.a M.e Muriel Correia Neves Rodrigues

Centro Universitário Luterano de Palmas – CEULP

Palmas – TO

2021

## **AGRADECIMENTOS**

Em primeiro lugar quero agradecer a Deus, por ter permitido que eu tivesse saúde, determinação, força para não desanimar durante a realização deste trabalho.

Agradeço a minha família, primeiramente a minha mãe, por todo apoio, paciência por sempre ter acreditado em mim e não medir esforços para caminhar junto comigo nesse sonho de formação. Ao meu pai, pelas palavras de amor e pelo incentivo que tem me dado sempre. A minha irmã Yara, por ser minha melhor companheira, e por estar junto comigo sempre. Amo todos vocês!

As amigas que fiz durante a jornada da graduação Raab, Luanna, Yury, Isabela, Silvana obrigada pelo apoio e troca, vocês fizeram toda diferença. Aos meus amigos, Thamires, Ruth, Jaqueline e Thiozer vocês foram essenciais nessa jornada!

À minha orientadora Me. Thaís, pela paciência, ensinamentos, correções, supervisões. Você foi parte essencial nesse processo. Eu fiz a escolha certa quando escolhi você!

À minha banca/professoras Me. Lauriane e Me. Muriel pelos ensinamentos durante a graduação, e por todas as contribuições feitas. A vocês todo meu carinho e admiração!

Agradeço também a mim, por ter me superado, reinventado, por entender o meu processo, e por ter acreditado principalmente na minha capacidade. Obrigada, Deus!!!!

## RESUMO

CORTES, Isadora Rodrigues. **A Precarização do Trabalho Docente: uma revisão sistemática**. 2021. 53f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Curso de Psicologia, Centro Universitário Luterano de Palmas, Palmas/TO, 2021.

O trabalho docente vem sendo marcado por grandes transformações relacionadas à precarização e à intensificação do trabalho. Diante disso, esta pesquisa teve como objetivo caracterizar o cenário das produções científicas acerca da precarização do trabalho docente no Brasil nos últimos cinco (5) anos. Para tal, foi realizada uma pesquisa de caráter qualitativo e descritivo, em formato de revisão sistemática em que os estudos foram pesquisados nas bases de dados da Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD) e Biblioteca Virtual em Saúde (BVS). Ao final, chegou-se ao resultado de 860 estudos, dos quais 26 foram selecionados a partir dos critérios de exclusão e inclusão estabelecidos pela pesquisadora para este estudo. Os principais resultados apontaram que as mais recorrentes situações que promovem a precarização do trabalho docente foram a falta de recursos adequados, a desvalorização, intensificação do trabalho, falta de reconhecimento, baixos salários, exigência por eficácia e eficiência. Além disso, aspectos que implicam na saúde física e mental, e que provocam desgaste, sofrimento, propiciando doenças somáticas, psíquicas ou psicossomáticas. Conclui-se que é necessário que mais pesquisas sejam feitas em relação à precarização do trabalhador docente, especialmente na região Norte, trazendo desdobramentos não somente para a psicologia, como também no âmbito acadêmico, profissional e social.

Palavras-chave: Trabalho docente; Precarização do trabalho; Professor.

## ABSTRACT

CORTES, Isadora Rodrigues. **The Precariousness of Teaching Work: a systematic review**. 2021. 53f. Course Conclusion Paper (Graduation) - Psychology Course, Lutheran University Center of Palmas, Palmas / TO, 2021.

Teaching work has been marked by major changes related to precariousness and intensification of work. Therefore, this research aimed to characterize the scenario of scientific production about the precariousness of teaching work in Brazil in the last five (5) years. To this end, a qualitative and descriptive research was carried out, in a systematic review format, in which the studies were searched in the databases of the Brazilian Digital Library of Theses and Dissertations (BDTD) and the Virtual Health Library (VHL). In the end, the results of 860 studies were reached, of which 26 were selected based on the researcher's exclusion and inclusion criteria for this study. The main results pointed out that the most recurrent hypotheses that promote the precariousness of the teaching work were the lack of adequate resources, devaluation, work intensification, lack of recognition, low prices, demand for effectiveness and efficiency. In addition, aspects that imply physical and mental health, and that cause wear, suffering, providing somatic, psychological or psychosomatic illnesses. It is concluded that more research is needed in relation to the precariousness of the teaching worker, especially in the North region, bringing consequences not only for psychology, but also in the academic, professional and social spheres.

Keywords: Teaching work; Precarious work; Teacher.

## LISTAS DE ILUSTRAÇÕES

<b>Figura 1</b> - Passo a passo da Revisão sistemática .....	24
<b>Figura 2</b> - Resultados das buscas e seleção de trabalhos .....	27
<b>Gráfico 1</b> – Quantidade de publicações encontradas entre 2016 e 2020 .....	28
<b>Gráfico 2</b> – Quantidade de pesquisas selecionadas por região do Brasil .....	29
<b>Gráfico 3</b> – Áreas de pesquisa dos estudos.....	30

## **LISTAS DE TABELA**

**Tabela 1** - Tipos de publicação .....**Erro! Indicador não definido.**

**Tabela 2** - Instrumentos de coletas de dados .....**Erro! Indicador não definido.**

**Tabela 3** -- Referência dos estudos selecionados .....**Erro! Indicador não definido.**



## **LISTA DE QUADROS**

<b>Quadro 1-</b> Síntese dos objetivos e principais resultados das pesquisas .....	34
--	----

## Sumário

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	10
<b>2 REFERENCIAL TEÓRICO</b> .....	13
2.1 AS TRANSFORMAÇÕES DO MUNDO DO TRABALHO NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA.....	13
2.2 TRABALHO DOCENTE: UMA BREVE CONTEXTUALIZAÇÃO.....	17
<b>3 METODOLOGIA</b> .....	24
<b>4 RESULTADOS E DISCUSSÃO</b> .....	27
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	44

## 1 INTRODUÇÃO

A palavra trabalho vem do latim *tripalium*, termo este que era empregado para designar tortura (ALBORNOZ, 1994). Nesse sentido, o trabalho por muito tempo foi associado a sacrifício, a fardo. O trabalho não tinha característica assalariada, ele existia enquanto forma de troca, os trabalhadores passaram a ser possuidores de uma única mercadoria, sua força de trabalho (TEIXEIRA; SOUSA, 1985).

Ao longo do tempo o trabalho teve outra concepção que vinha como fonte de identidade e autorrealização, essa concepção foi constituída a partir do renascimento. Dessa forma, o trabalho obteve outro valor e, com isso, passou a ser visto não mais como uma ocupação servil (ALBORNOZ, 1994). Mas sim, como uma atividade vital, dando valor ao trabalho em uma perspectiva monetária e que por meio dele que as pessoas criam grande parte de suas relações e se sentem úteis (FRISCHER; PEREZ, 2018).

No capitalismo contemporâneo o trabalho vem passando por modificações e fica evidente que tais transformações precarizam, intensificam e geram ao empregado uma vida de labor instável, tensa e, conseqüentemente, pode comprometer a saúde e as relações dentro do ambiente laboral. Dessa forma, o trabalho contemporâneo se tornou complexo, “ao mesmo tempo que é fonte de criação ele subordina, emancipa e aliena, humaniza e degrada, oferece autonomia, mas gera sujeição, libera e escraviza” (ANTUNES, 2009, p. 231).

De acordo com Prieb (2005), tais transformações que vêm ocorrendo no mundo do trabalho, ao invés de diminuir o esforço dos trabalhadores de maneira que o seu ócio fique mais criativo, estão aumentando a precarização do trabalho em suas mais diversas formas, como trabalho informal. Com isso, fica claro que no mundo, não está ocorrendo certa diminuição do trabalho, mas uma precarização, e conseqüentemente o aumento da exploração do labor.

A organização do trabalho docente também tem passado por transformações, sendo elas culturais, políticas, pedagógicas e sociais, e essas transformações são um reflexo de novas demandas apresentadas à educação, exigindo da escola e, principalmente do professor a formação de um profissional polivalente, flexível, exigindo deste trabalhador um preparo para atender diversas demandas (OLIVEIRA *et al.*, 2012).

Portanto, fica evidente que o exercício profissional do professor acaba sendo afetado, e eles vivem em uma constante desvalorização em sua profissão. Assim, o

trabalho do professor é marcado pela busca de autonomia, que vem acompanhada de limitações impostas pelas políticas educacionais e as relações de poder que compõem o tecido do cotidiano escolar (OLIVEIRA *et al.*, 2012; SANTOS *et al.*, 2012).

Contribuindo com esta reflexão, Madeira (2011, p. 12) afirma que: “[...] a profissão docente é representada como desvalorizada socialmente, concretizada nos baixos salários, instabilidade e precariedade das condições de trabalho”. Compreende-se que a precarização não está relacionada apenas aos salários, mas às estruturas, à organização das instituições, à demanda escolar, ao sistema educacional, como também aos diversos causadores que permeiam à docência.

No entanto, de acordo com Brasil (2001), as transformações vivenciadas no mundo do trabalho se dão devido às relações entre o trabalho e a saúde do trabalhador e as múltiplas situações que são configuradas por diferentes formas de organização, contratos, relações e gestão, e que refletem sobre o viver e o adoecer dos trabalhadores.

Nessa direção, esta revisão sistemática teve como problema de pesquisa a seguinte questão: O que tem sido publicado na literatura nacional sobre a precarização do trabalho docente? Como objetivo geral, buscou caracterizar o cenário das produções científicas acerca da precarização do trabalho docente no Brasil entre os anos de 2016 e 2020. Os objetivos específicos centraram-se em a) discutir o modo como as mudanças do mundo do trabalho vêm reconfigurando as relações de trabalho do professor; b) identificar fatores que possam interferir na satisfação do docente; c) verificar aspectos relacionados à qualidade do trabalho docente.

Sendo assim, esta pesquisa justifica-se pela necessidade de explorar dados relacionados à precarização do trabalho docente, evidenciando que tais problemas não são recentes no nosso país, mas constantes e crescentes. Segundo Silva e Alcântara (2018), a precarização do trabalho docente se constitui como um reflexo da precarização mais ampla que atinge a todos aqueles que vivem do trabalho. Assim, a relevância social consiste em estudar este assunto por ser fonte de informação, sabendo que o trabalho docente tem se tornado um assunto bastante presente, e com isso permitir repensar sobre o papel do professor e as suas condições.

Do ponto de vista acadêmico, é relevante por contribuir com a temática da precarização. Deste modo, será possível levantar os efeitos que este fenômeno traz para as práticas curriculares e como eles afetam as condições de trabalho que os professores estão submetidos. O levantamento desses dados pode colaborar para o entendimento da

precarização do trabalhador docente. Com isso, espera-se que esta pesquisa possa inspirar novos estudos voltados para esta temática dentro do curso de Psicologia.

No âmbito pessoal, o desejo de pesquisar sobre este assunto partiu do contexto familiar desta acadêmica-pesquisadora, pois, sabendo que a área educacional é de extrema importância, devido principalmente a sua contribuição para a cidadania, necessita-se do aprofundamento em pesquisas e estudos sobre a temática da precarização do trabalho no contexto da educação, sobretudo, na perspectiva do professor.

Dessa forma, este estudo pretende contribuir para a compreensão da precarização no âmbito educacional e, com isso, a partir do que tem sido discutido nos últimos cinco anos pela produção científica nacional.

## **2 REFERENCIAL TEÓRICO**

### **2.1 AS TRANSFORMAÇÕES DO MUNDO DO TRABALHO NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA**

O trabalho se tornou categoria essencial na concepção da identidade do ser humano e estruturante tanto para a sociedade quanto para o indivíduo. Percebe-se ainda que os trabalhadores que possuem menos privilégios financeiros e amparo social estão mais sujeitos a mudanças na legislação e práticas trabalhistas, sendo desfavorecidos nos diversos âmbitos da vida, como saúde, educação, moradia, transporte, ainda que trabalhadores que ocupem empregos de alto status ou que possuam alta escolaridade também possam experimentar condições de trabalho precarizadas (ARAÚJO; MORAIS, 2017).

Dessa forma, o mundo do trabalho sofreu modificações desde a Revolução Industrial, ocorrida no século XVIII, considerada como uma revolução social, pois além da evolução tecnológica, houve também surgimento de classes sociais, a burguesia e o proletariado, e a passagem da sociedade agrária para a industrial (KANTORSKI, 1997).

Segundo Antunes (2018), houve o aumento da exploração do trabalho, que passou a se configurar como superexploração da força do trabalho, aumentando o desemprego, além de ampliar sobremaneira a informalidade, a terceirização e a flexibilização da força de trabalho. Dessa forma, essa época ficou marcada pela supervalorização da produção industrial, os assalariados enfrentavam jornadas de trabalho extensas, e não possuíam qualquer direito ou garantia.

O processo produtivo era organizado em um modelo de manufatura, o próprio trabalhador era quem desenvolvia sua atividade e o responsável por conduzir o ritmo e a organização da produção. O desenvolvimento da tecnologia, o sistema de produção ganhou grandes proporções aumentando a demanda de produção e obteve maior controle sobre o processo produtivo. Assim, surge o modelo fordistas-taylorista e toyotista (TEIXERA; SOUZA, 1985).

O modelo de produção fordista-taylorista foi criado para atender as demandas crescentes de um mercado consumidor, a produção caracterizada em série e para reduzir custos, através da introdução da esteira. Tais aspectos tornaram possível a produção em larga escala e a redução dos custos nas fábricas. Em consequência, ocorreu o processo de intensificação do trabalho, que passa a ser controlado pela velocidade da esteira (BARBARA, 1990).

Diante da crise do petróleo, da instabilidade econômica e da luta dos trabalhadores, o modelo fordista-taylorista sofreu um esgotamento. E, frente a esse cenário, um novo sistema de produção foi instalado, o toyotismo, introduzido inicialmente nas fábricas da empresa Toyota, no Japão (FACAS, 2009).

O modelo toyotista caracterizado por uma produção flexível, e com uma alta interconexão entre as máquinas e os instrumentos, permitia uma rápida adaptação às variações que eram apresentadas pelas demandas. A organização desse sistema estabelecia a necessidade de um trabalhador polivalente e do trabalho em equipe (ZULLO; DUARTE, 2012). Para Pinto (2007, p. 77), “desautorizou o poder de negociação detido pelos mais qualificados, obtendo por essa via o aumento do controle e a intensificação do trabalho”

De modo geral, a intensificação do trabalho é definida como um aumento da intensidade do trabalho. A definição de intensificação como aumento da intensidade do trabalho é sintetizada por Dal Rosso (2008, p.197) pela frase “mais trabalho”. A sociedade contemporânea é marcada pela intensificação do trabalho, representando cada vez mais um mal-estar e problemas de saúde no trabalhador. Nessa direção, trata-se de um processo histórico e social e de abrangência global em inúmeras atividades produtivas (PINA; STOTZ, 2015).

No período entre o final dos anos 1960 e início dos anos 1970, as transformações no mundo do trabalho se desdobraram em uma crise do padrão de acumulação capitalista, que, segundo Antunes (2015), se caracteriza com o desemprego estrutural, uma crise de superprodução. Trata-se de um desemprego de eliminação definitiva de determinadas ocupações em função do avanço da tecnologia.

Para Sene (2005, p.110)

o desemprego estrutural e as novas formas precarizadas de trabalho podem ser considerados grandes aceleradores do processo de fragmentação da classe trabalhadora e também ótimos exemplos da destrutividade do capitalismo contemporâneo. Frente a essa crise do desemprego estrutural o que resta como forma de resistência é fortalecer os vínculos entre os trabalhadores em oposição a essa fragmentação da classe.

Percebe-se que este cenário caracterizou uma grande diferença nas formas de contratação, nas profissões e nas atividades realizadas, de modo que os trabalhadores acabavam realizando trabalhos parciais e precários, por tempo determinado como alternativa de sobrevivência e, conseqüentemente, isso iria refletir na condição de vida e na saúde do trabalhador. Tais mudanças geram instabilidade e acabam exigindo do trabalhador que ele aprenda novas habilidades para a empregabilidade, como

flexibilidade, polivalência, capacidade tecnológica, adaptabilidade (LASSANCE; SPARTA, 2003).

Quanto ao trabalho na contemporaneidade, em relação às últimas décadas do século XX e o início do XXI, a concepção de trabalho e a forma como ele é vivenciado são permeadas, basicamente, pelas premissas do pós-fordismo ou toyotismo (ANTUNES, 2015). Assim, a doutrina era pautada pela acumulação flexível e pela empresa enxuta, com implantação de programas de qualidade total e técnicas japonesas de gestão. Percebe-se também uma reestruturação produtiva que conseqüentemente ampliou a flexibilização, a informalidade e a precarização da classe trabalhadora (ANTUNES, 2014).

Desse modo, é importante destacar que a flexibilidade abrange uma seqüência de determinações de compra de força de trabalho, e a flexibilização dos salários, que variam de acordo com a produção, as horas de trabalho, a função ocupada na empresa (BENFATTI; DANTAS, 2017). O autor Bernardo (2004) defende que “[...] a linha de produção flexível tem reduzido períodos ociosos, e tem, portanto, intensificado a exploração” (BERNARDO, 2004, p. 86).

Essa flexibilização é marcada na sociedade atual com quatro tipos de flexibilidade. De acordo com Dal Rosso (2017), 1) a flexibilidade quantitativa, que indica redução de trabalhadores; 2) flexibilidade funcional, relacionada ao desenvolvimento de várias atividades; 3) flexibilidade de lugar, que se refere à mudança de território e a 4) flexibilidade de horas ou de tempos, que diz respeito às horas de trabalho.

Dessa forma, a intensificação do trabalho age como um mecanismo compensatório. Com a regulamentação das horas de trabalho, conquistada através da luta de sindicatos e trabalhadores, para que a produção não se reduza, aumenta-se o grau de envolvimento do sujeito no trabalho. Assim, a produção de valor não se reduz como às horas laborais, que exigem maior ritmo de trabalho (DAL ROSSO, 2017).

A nova configuração do trabalho, denominada por Antunes (2014) de “nova morfologia do trabalho”, é caracterizada pela intensificação do ritmo de trabalho acompanhada da autoexploração que produz a precarização estrutural do trabalho. O autor aponta também as principais tendências, como a redução do proletariado industrial, estável e formal, que dá lugar às formas mais desregulamentadas de ocupação, a nova modalidade de trabalho escravo que são os terceirizados, subcontratados, *part-time*.

Nessa perspectiva, apesar de promover contribuições no que tange às metas pessoais e de colaborar na construção de identidade do trabalhador como sujeito que está



inserido em um determinado contexto social, há também a possibilidade do trabalho ser prejudicial, seja pela exposição a riscos físicos, químicos e/ou psicológicos ou pela privação material e a posição socioeconômica desfavorecida e de salários insatisfatórios (ARAÚJO; MORAIS, 2017).

Assim, o trabalho na vida das pessoas se transformou, pois, tem se intensificado e precarizado, e apesar de ser fundamental à vida humana, segundo Dejours *et al.*, (1994), pode se transformar como fonte de prazer e de sofrimento. Dessa forma, o trabalho se torna um elemento central da nova dinâmica do desenvolvimento do capitalismo, produzindo uma nova condição de vulnerabilidade social, processo que modifica as condições laborais (DRUCK, 2011). Portanto, a precarização tem sido percebida como uma das consequências mais visíveis da flexibilização do mercado de trabalho, que eleva a proliferação de formas de emprego de caráter flexível, das formas de contrato e do declínio da oferta de empregos permanentes/típicos.

O trabalho de forma alguma é neutro em relação ao processo de saúde e adoecimento. É pertinente considerar os estudos de Christophe Dejours em relação a saúde mental e trabalho. As investigações de Dejours começaram focadas nas dinâmicas do trabalho que ora se direcionam ao prazer e ora ao sofrimento (SILVA; JÚNIOR; BATISTA, 2015).

O cuidado com a saúde do trabalhador nasceu na Inglaterra, com a Revolução Industrial, visando o controle da força de trabalho para o aumento da produtividade. Naquele tempo, as indústrias contavam com a presença de um médico, que era um aliado do empresário na recuperação do trabalhador. Ele era responsável por detectar os processos danosos ao trabalhador, visando o seu retorno à linha de produção em um momento em que a força de trabalho era fundamental à industrialização emergente (MENDES; DIAS, 1991). O objetivo, portanto, não era preservar o trabalhador, mas sim mantê-lo enquanto peça fundamental no processo de produção (DIAS; HOEFEL, 2005).

Para Dejours (1992), a saúde no trabalho é uma conquista do trabalhador, uma meta a ser alcançada. Em vista disso, a saúde do trabalhador segue um caminho favorável à emancipação dos trabalhadores, pois visa o bem-estar do sujeito em detrimento das práticas organizacionais (CORTEZ *et al.*, 2019). De acordo com Dejours, Dessors e Desrioux (1993), o “estado de completo bem-estar” não existe, pois esse “estado” é algo que se deseja atingir. Para a Psicodinâmica do Trabalho, a saúde tem relação com as variáveis biológica, psíquica e social (FERREIRA, 2013).

Para entender melhor o termo saúde, Dejours, Dessors e Desrioux (1993) trazem algumas colaborações da fisiologia, da psicossomática e da psicopatologia do trabalho. Na fisiologia o organismo está em constante desequilíbrio e homeostase, os dispositivos de regulação do corpo estão em busca de equilíbrio. Este desenvolvimento é natural do organismo, porém este processo não tem relação com saúde a um estado de estabilidade, tranquilidade; a psicossomática indica que os fatores psíquicos e afetivos podem desencadear no sujeito uma doença física; já a psicopatologia do trabalho aponta que o trabalho e o não trabalho podem ser um perigo em relação à saúde, pois pode ser fonte de adoecimento ou não.

Segundo Pereira (1995), no processo de saúde e doença o autor afirma que a saúde por vezes é entendida como ausência de doença e “doença” como falta ou perturbação da saúde. Dessa forma, percebe-se que um dos fatores que têm grande influência na saúde das pessoas são as condições econômicas e sociais, ou seja, as situações em que as pessoas nascem, vivem, trabalham e envelhecem.

Percebe-se que são esses os causadores da maior parte de doenças e iniquidades em saúde, e que toda essa configuração estabelecida por aspectos econômicos, sociais, culturais, políticos e ambientais da saúde é caracterizada de “determinantes sociais da saúde” (CARVALHO, 2013).

Além disso, segundo Bianchessi et al (2014), trabalhar em nossa sociedade, não é só uma referência econômica, mas também, uma referência psicológica, cultural e simbolicamente dominante.

## 2.2 TRABALHO DOCENTE: UMA BREVE CONTEXTUALIZAÇÃO

No período colonial brasileiro, o ensino era voltado para uma educação com propósitos catequizantes, que tinha como ideia formar seguidores da fé cristã (RIBEIRO, 1993). No ano de 1549 surgiu o primeiro sistema educacional brasileiro, que era comandado pela Igreja Católica, o foco era no ensino religioso.

Segundo Niskier (2001), o padre Anchieta se tornou o educador mais atuante nessa época, visto como o precursor da literatura brasileira. Os pedagogos deste período utilizavam recursos mnemônicos, como o teatro, a música e a poesia e as chamadas da escola como “bê-á-bá” para a alfabetização. Com isso, Anchieta se destaca como maior pioneiro da educação brasileira, por causa de suas obras e pelas cartas que documentava a rotina educacional daquela época (FERREIRA, 2010).

Os homens, ao perceberem as virtudes do ato de ensinar, ou melhor, ao identificarem a possibilidade de ter entendimento e aprender por meio do ensino, despertaram um processo de reflexão, que os auxiliaram a sistematizar e difundir os conhecimentos produzidos e acumulados (GADOTTI, 2006).

Nas ponderações do autor,

a prática da educação é muito anterior ao pensamento pedagógico. O pensamento pedagógico surge com a reflexão sobre a prática da educação, como necessidade de sistematizá-la e organizá-la em função de determinados fins e objetivos (GADOTTI, 2006, p. 21).

Em 1599 as salas de aula eram frequentadas apenas por meninos, as meninas aprendiam a fazer trabalhos manuais ou adquiriam conhecimento musical. Eram educadas somente para a vida doméstica e religiosa. Nessa época, a educação jesuíta utilizava um documento curricular de ensino-aprendizagem: o Ratio Studiorum ou Plano de Estudos da Companhia de Jesus. Este método, elaborado pela igreja, tinha como objetivo a exposição da concepção pedagógica que vinha como meio de regras, não se tratava de um método pedagógico, e sim um elemento que garantia a essência e o rigor do ensino ministrado no colégio (FERREIRA, 2010).

O sistema educacional teve uma remodelação após a expulsão dos jesuítas do Brasil, que visava um ensino mais prático, extinguindo a religião desse contexto (RIBEIRO, 1993). Dessa forma, o país ficou sem escola estruturada por cerca de dez anos. Após essas modificações no sistema educacional, o Brasil deu seus primeiros passos e o professor passou a ser o centro deste processo no ensino público.

As aulas passaram a ser ministradas por docentes concursados e pagos pelo Estado, sendo ministradas na própria casa do professor (educação no lar). O governo passou a perceber uma certa dificuldade, pois além de não conseguir promover uma formação adequada aos docentes, também existia um impasse do acesso dos jovens ao ensino que se tornava limitado. Além disso, não existia uma estruturação por idade e nem um tempo limite para o desenvolvimento dos estudos (AZEVEDO, 2018).

A família Real chega ao Brasil em 1808 trazendo consigo 60 mil livros que deram origem à Biblioteca Nacional no Rio de Janeiro. Nesse período, o foco do ensino superior era profissionalizante ou destinado a qualificar as pessoas para trabalharem para o Estado (FÁVERO, 2000).

Em relação à Independência do Brasil, em 1822, segundo Ferreira Jr. (2010), a educação continuou com caráter elitista e excludente, visto que a aristocracia agrária manteve intacta a estrutura econômica herdada do período colonial em que a maioria da

população era formada por escravos, excluída da escolaridade, sendo esta acessível apenas a população da elite.

A mudança relacionada à reorganização do processo de produção e à gestão da força de trabalho refere-se ao novo padrão de acumulação, no entanto, a atividade social assumida pelos docentes obteve novas características, pois a educação passou a ser percebida como elemento de desenvolvimento socioeconômico, se tornando responsável pela elevação da produtividade dos países, principalmente, nos países latino-americanos. Já no Brasil, as metamorfoses do mundo do trabalho e as correlatas reformas educacionais mostravam as novas tendências inauguradas a partir da década de 1990 (RIBEIRO; ARAÚJO, 2017).

Dessa forma, percebe-se que a atividade docente vem se transformando de acordo com as mudanças socioeconômicas do mundo. Com o surgimento da Revolução Industrial, o trabalho material passou a ser o grande foco do sistema mundial, dando a importância à produção de bens materiais por meio do trabalho industrial. Além disso, os professores estão em uma posição fora da esfera de produção. Com isso, passaram a ser considerados trabalhadores improdutivos, servindo apenas para preparar os filhos dos trabalhadores para o mercado de trabalho (MOURA, 2014).

Há muito tempo, o trabalho de ser professor foi percebido como algo apenas vocacional, uma profissão com um viés sacerdotal, leigo ou até mesmo uma habilidade. Por esta razão era entendida como uma tarefa simples, sem a necessidade de maiores aprimoramentos no que diz respeito à formação e ao adequado exercício profissional (TARDIF, 2002). No entanto, o tempo passou, as sociedades avançaram, a educação progrediu, e os modos como os alunos desenvolveram os conhecimentos se ampliaram e o que se entendia pela profissão docente também sofreu alterações significativas (SÁ; NETO, 2016).

Para a Organização Internacional do Trabalho (OIT), o trabalho docente pode ser definido como trabalho digno que abrange vários elementos ao domínio profissional, ao realizar um trabalho produtivo com um salário justo, havendo segurança no local de trabalho e proteção social para as famílias, com perspectivas melhores de desenvolvimento pessoal e inserção social, tendo também a liberdade para expressar as suas inquietudes.

Na esfera atual, espera-se que o professor solucione em sua sala diversos problemas, no entanto, não lhe são oferecidas ferramentas e/ou recursos adequados e nem

a formação mínima para tais exercícios. Portanto, percebe-se que as condições de trabalho no Brasil são insalubres, da mesma forma é com a profissão docente que se percebe cada vez mais desvalorização (SÁ; NETO, 2016).

Além disso, ainda existe uma exigência de ser professor que demanda certa coragem associada a distintos saberes e conhecimentos. No entanto, a formação de professor vem tendo posição de urgência (PERRENOUD, 2001), os modelos de ensino antigo refletem nas dificuldades e na adesão de novas práticas estabelecidas aos professores (MESQUITA *et al.*, 2016).

Dessa forma, percebe-se que outros métodos educacionais estão sendo inseridos, levando a busca de inovação, desenvolvimento de novas habilidades e novas metodologias (HAUSCHILD, 2018). Nesse cenário as metodologias ativas de ensino tendem a se aproximar gradativamente dos espaços educacionais, por contribuírem positivamente nos processos de ensino e de aprendizagem (AHLERT *et al.*, 2017).

São utilizados alguns métodos de ensinamento que são conduzidos pelo método ativo e tem como aspectos principais: o desenvolvimento da emancipação do aluno, o aluno como o principal centro do processo, o professor como intermediário no processo, ativador e facilitador do desenvolvimento de ensino e de aprendizagem, à reflexão e o trabalho em conjunto (AHLERT *et al.*, 2017).

Em virtude da crise sanitária causada pela COVID-19, foram estabelecidas algumas modificações no ensino educacional, causando o distanciamento presencial e mudanças nas formas de relação. Com isso, a interrupção das aulas se tornou uma medida necessária para evitar aumento e transmissão do vírus. Por esse motivo a necessidade de um ajustamento e adaptação pelos gestores, docentes incluindo a sociedade. Percebe-se a grande dificuldade no processo de ensino e na aprendizagem, algumas insuficiências como a falta de formação específica para os docentes, o precário acesso dos alunos a recursos tecnológicos como por exemplo a computadores e internet de qualidade (PASINI; CARVALHO; ALMEIDA, 2020).

Percebe-se que essa trajetória docente no Brasil é marcada por mudanças e passos lentos. Resende e Martins (2016, p. 826) explicam que “falta muito para que tenhamos um atendimento de qualidade nas instituições, que a formação e identidade docente sejam verdadeiramente valorizadas e que a prática educativa seja adequada”.

Vale ressaltar também que na contemporaneidade o trabalho docente tem sido sinônimo de adoecimento. Nesse sentido, é importante ter um olhar mais cuidadoso para

a saúde emocional do professor (COSTA; SILVA,2019). Fica evidente que os docentes experimentam diferentes formas de sofrimento ao se depararem com as situações desfavoráveis de suas atividades e desenvolvem estratégias de enfrentamento, transformando a angústia em força propulsora de mudança.

Uma pesquisa realizada em uma Escola Municipal em João Pessoa - PB no ano de 2006 (MARIANO; MUNIZ, 2006), evidenciou que as professoras afirmaram que o exercício da profissão docente é composto de fatores que implicam na saúde física e mental, causando-lhes sofrimentos e desgastes que provoca doenças somáticas e psíquicas ou psicossomáticas. Além disso, nesse mesmo estudo as professoras afirmaram que logo após terem ingressado na atividade docente, possuíam alguma complicação no seu quadro de saúde. As professoras falam sobre o aparecimento de alguns sintomas e doenças que aparecem com maior frequência no exercício da profissão, como por exemplo: dores musculares, gastrite, problemas na voz, alergia, problemas cardiovasculares, cefaleia.

As interfaces da inserção de novas tecnologias, a flexibilização e polivalência profissional, a precarização, as reformas educacionais e as relações sociais e profissionais, sem dúvida interferem no estado de saúde dos professores (OLIVEIRA, 2004). De acordo com Neves e Silva (2006, p. 163) “a falta de reconhecimento social, uma das maiores queixas apontadas pelas docentes, constitui-se em fio condutor para entendermos a maneira pela qual elas se localizam social e profissionalmente, bem como se relacionam com sua saúde mental”.

As políticas nacionais brasileiras têm se modificado nas últimas décadas, sobretudo, no desenvolvimento do acesso escolar que se baseia na equidade social (FRANKE, 2017). Dessa forma, percebe-se que a gestão escolar ampliou o número de alunos e de turmas. A integração de novos setores ao sistema escolar tem consequência direta sobre as condições de trabalho e de remuneração, colocando em risco a qualidade da educação oferecida (ASSUNÇÃO; OLIVEIRA, 2009).

Percebe-se também que o processo de intensificação do trabalho vivido pelos professores tanto das escolas públicas e privadas têm comprometido a saúde biológica e funcional dessa população (ASSUNÇÃO; OLIVEIRA, 2009).

Segundo Gomes (2002), o estado que se encontra o trabalho na escola, ou seja, o trabalho dos professores tem intensificado a atenção em razão do aumento de adoecimento e afastamento desses trabalhadores. Entende-se que essa não é uma

peculiaridade do sistema educacional brasileiro, e sim um fenômeno internacional que alcança países do nosso contexto social.

Diante disso, alguns professores recorrem a licenças médicas, faltas, licença sem vencimento por estarem exaustos (LAPO; BUENO, 2003). A exposição do trabalhador a frequentes riscos psicossociais eleva muito o nível de estresse e se ele vivencia esse estresse por muito tempo, pode desencadear em manifestações patológicas como, por exemplo, a Síndrome de Burnout (SB), mais conhecida como síndrome do esgotamento profissional, obtive sentido em ambientes onde os riscos psicossociais são elevados e as relações psicossociais são pobres e dominadas pelo estresse laboral (ROSA; CARLOTTO, 2005). A Lei nº 3048/99 abarca a Síndrome de Burnout (SB), como doença do trabalho mais comum em profissionais da Educação, Saúde e Serviços Humanos (BORBA *et al.*, 2017).

No exercício do profissional docente encontram-se inúmeros estressores psicossociais presentes, alguns tem relação com a função, outros estão relacionados ao contexto que essas funções são exercidas (CARLOTTO, 2002). O Burnout em docentes influencia o ambiente educacional interferindo na obtenção dos propósitos pedagógicos, e com isso acaba levando estes profissionais a um processo de alienação, apatia que desumaniza e provoca problemas de saúde e absenteísmo (CARLOTTO, 2002).

Conforme Albornoz (2000) e Dejours (1994), percebe-se que o trabalho transforma a matéria natural em objeto de cultura, em contrapartida, podendo gerar emoções, dor, tortura, fadiga, isto é, pode ser fonte de prazer e sofrimento. Além disso, podem ser afastados de suas funções ou readaptados em outra função dentro da escola em razão de problemas de saúde (ASSIS, 2006).

O sofrimento se manifesta quando a vínculo ser humano e sociedade se paralisa, quando o trabalhador utiliza de tudo o que é necessário e das suas capacidades intelectuais, psicossensório-motoras, psicoafetivas de aprendizagem e de adaptação, ou seja, quando o trabalhador esgotou os meios de defesa contra o constrangimento físico (DEJOURS, 2004).

Quando o trabalho passa a não proporcionar ao trabalhador um suporte que tenha a garantia de sobrevivência e o desenvolvimento de sua identidade, pode resultar em sofrimento patogênico. Esse sofrimento acontece quando o sujeito usou de todos os recursos defensivos, que se não enfrentado adequadamente pode levar ao adoecimento (FREITAS; FACAS, 2013). Além disso, este sofrimento evidencia-se por meio de

vivências de desgaste, esgotamento, frustrações, e essas vivências de sofrimento podem se manifestar pelos males provocados no corpo, na mente e nas relações com o meio (FREITAS; FACAS, 2013).

À vista disso, a saúde do trabalhador provoca a busca de um olhar para as formas de atuação que viabilizem preparar a noção de atenção à saúde, incluindo ações de prevenção primária, assistência e promoção de saúde (SATO *et al.*, 2006).

A partir dessas reflexões compreende-se que certas situações podem intensificar a realização do desgaste para o trabalhador, certificando a ideia de que o desenvolvimento de saúde engloba uma dimensão subjetiva e que a experiência de diferentes acontecimentos permeia a dialética da própria vida (AZAMBUJA *et al.*, 2010). Diante disso, é importante destacar que esta questão sobre a saúde do trabalhador docente deve ser pesquisada e discutida.



### 3 METODOLOGIA

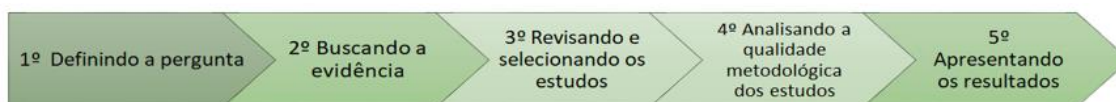
Foi realizada uma pesquisa bibliográfica, do tipo revisão sistemática que, segundo Galvão e Pereira (2014, p. 183), “trata-se de um tipo de investigação focada em questão bem definida, que visa identificar, selecionar, avaliar e sintetizar as evidências relevantes disponíveis”. Sampaio e Mancini (2007) ressaltam também que a revisão sistemática é muito útil, pois integra informações, podendo apresentar resultados conflitantes e/ou coincidentes.

Consistiu-se em uma pesquisa básica, por aglutinar estudos tendo como objetivo complementar uma lacuna no conhecimento, com objetivo metodológico exploratório por buscar maior ligação com o problema (GIL, 2008, 2010) e natureza metodológica qualitativa, pois não almejou apenas especificar ou mensurar os eventos estudados, mas sim, parte de questões de interesses amplos, que vão se modificando na medida em que o estudo se desenvolve (BRUCHEZ *et al.*, 2016).

Vale ressaltar que a revisão sistemática proposta por Sampaio e Mancini (2007) possui cinco passos como mostra a figura 1.

**Figura 1-** Passo a passo da revisão sistemática

FIGURA 1



Fonte: Adaptado de Sampaio e Mancini (2007)

Nesta primeira fase, é elaborada uma pergunta, clara e bem formulada, com o objetivo do que se deseja obter, já apresentada neste trabalho. Na segunda fase, foi estabelecidas estratégias de busca, palavras-chave, critérios de inclusão e exclusão e demais delimitações do estudo.

Neste estudo de revisão, foram incluídas pesquisas que abordassem sobre o tema da precarização do trabalho docente e que estavam disponíveis nas plataformas on-line da Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD) e na Regional da Biblioteca Virtual em Saúde (BVS) e que foram publicadas no período de janeiro de 2016 até janeiro de 2020. Foram selecionadas a partir das combinações das palavras-chave “precarização e professor”, “precarização e trabalho docente”, todas na língua portuguesa. Foram excluídas pesquisas que não estavam disponíveis integralmente e publicações repetidas.

Na terceira fase, avaliam-se a seleção dos estudos a partir da literatura e avaliação dos títulos e resumos das pesquisas para verificar se atendem aos critérios de inclusão e exclusão. Feito isso, os estudos foram registrados e organizados em uma planilha da Microsoft Excel.

Um diferencial desta pesquisa é que ela necessita de duas pessoas para a realização de buscas de evidências, com o objetivo de que os pesquisadores avaliem de forma independente a qualidade de cada pesquisa selecionada (SAMPAIO; MANCINI 2007).

A quarta fase tem a finalidade de avaliar a qualidade metodológica dos estudos selecionados. Ao final, na quinta e última fase, são apresentados os dados e conclusão dos resultados obtidos na pesquisa, ou seja, de como se apresenta na literatura a problemática da precarização do trabalho docente (SAMPAIO; MANCINI, 2007).

De acordo com Galvão *et al.*, (2004) a revisão sistemática se distingue da tradicional, por sobressair possíveis vieses nas etapas, pois segue um método rigoroso na busca e seleção de pesquisas; avalia a relevância e validade das pesquisas encontradas; faz coleta, apanhado e interpretação das informações oriundos das pesquisas.

Dessa forma, a revisão propicia uma maior garantia para a tomada de decisões diante de alguma intervenção, no entanto, esta pesquisa pode estar suscetível a limitações que podem interferir na qualidade do trabalho. Segundo Brasil (2012), existem algumas limitações que podem afetar a revisão sistemática, tanto o viés de publicação e/ou viés de linguagem, como também as dificuldades em combinação de estudos que podem ser diferentes nas populações, intervenções, comparadores e desfechos.

O benefício deste trabalho respaldou-se no fato de o professor desempenhar uma função importante, cujo objetivo é formar alunos criativos, críticos, reflexivos e atuantes no meio social em que vivem, usando suas habilidades individuais em prol do bem coletivo, como aponta a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) (BRASIL, 2017). Desta forma, este estudo apresentou dados que podem ser tomados como ferramentas para o desenvolvimento de estratégias de enfrentamento dos docentes.

Ao final desta pesquisa, foram encontrados trabalhos científicos que abordaram sobre a precarização do trabalho docente, no que se refere aos aspectos relacionados ao adoecimento físico, psicológico e que podem comprometer a relação de trabalho dessa classe trabalhadora.

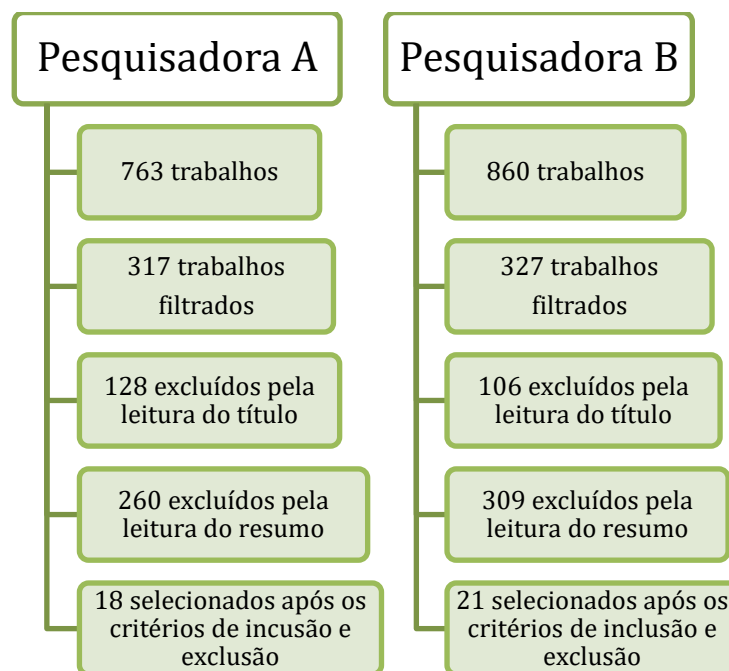
A partir dessa compilação de dados, este trabalho pode servir de subsídio para pensar em ações de intervenção nesse campo educacional, sendo um material teórico que

pode possibilitar o aprofundamento das questões relacionadas aos professores e que pode auxiliar tanto no contexto acadêmico, como também no contexto de intervenção profissional.

## 4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Conforme a figura 1, a pesquisadora (CORTES, R, I) encontrou 688 teses e dissertações na BDTD e 75 artigos na BVS, chegando a um total de 763 estudos. Por outro lado, a pesquisadora (FREITAS, S, D) encontrou 788 trabalhos na BDTD, 72 artigos na BVS, totalizando 860 trabalhos. Os resultados estão descritos na figura 1.

**Figura 2** - Resultados das buscas e seleção de trabalhos



Fonte: Elaborada pela autora.

Após a análise dos materiais selecionados pelas pesquisadoras e em plena concordância, foram selecionados nesta revisão sistemática 26 materiais. Dentre esses, já foram excluídas as publicações repetidas. Portanto, esta revisão considerou artigos, dissertações e teses. O número de estudos selecionados em cada categoria é apresentado na tabela abaixo (ver tabela 1).

**Tabela 1** - Tipos de publicação

TIPO DE PUBLICAÇÃO	QUANTIDADE
ARTIGO	6
DISSERTAÇÃO	15
TESE	5
<b>TOTAL</b>	<b>26</b>

Fonte: Elaborada pela autora.

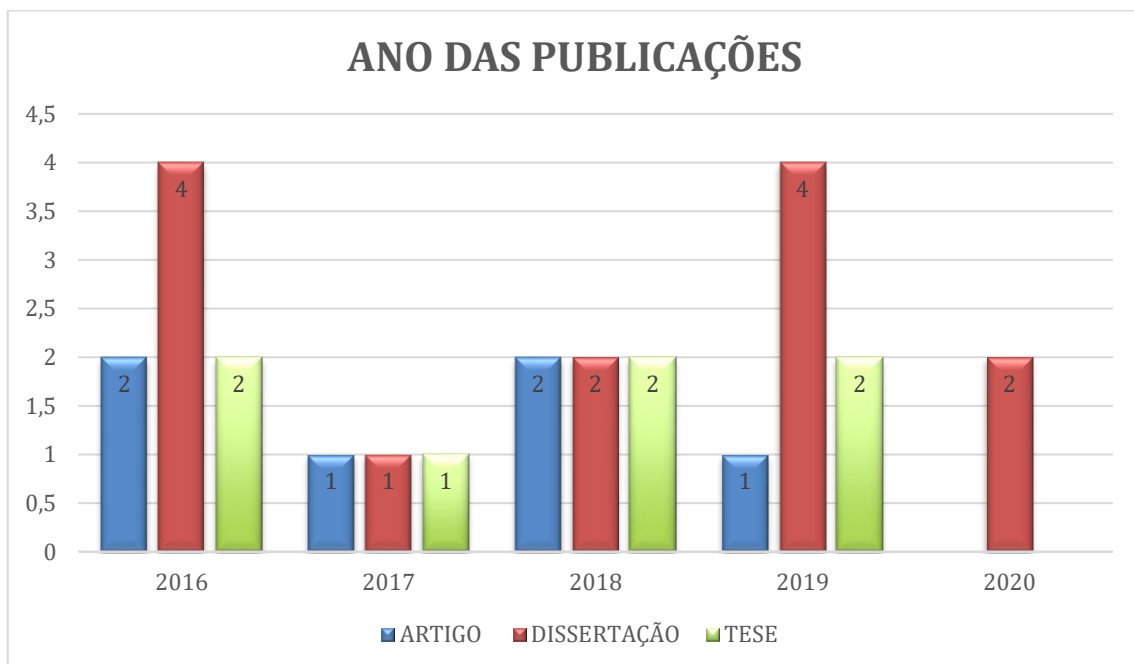
Percebe-se que houve uma discrepância em relação a quantidade dos tipos de publicações, pois foram encontradas mais dissertações do que teses e artigos. Motivo este

que refletiu na quantidade de estudos selecionados após a aplicação dos critérios de inclusão e exclusão. Supõe-se que esses trabalhos possam estar no prelo ou sendo avaliados pelas revistas e, por isso, não foram publicados em periódicos depois de sua defesa final, ou ainda, não estão sendo submetidos para publicações.

Cabe destacar que este dado mostra que o maior meio de comunicação tem sido publicações de dissertações, que advém de pesquisas de mestrado.

O gráfico 1 está representando os anos das publicações que foram encontradas no período de janeiro de 2016 a dezembro de 2020.

**Gráfico 1** – Quantidade de publicações encontradas entre 2016 e 2020.

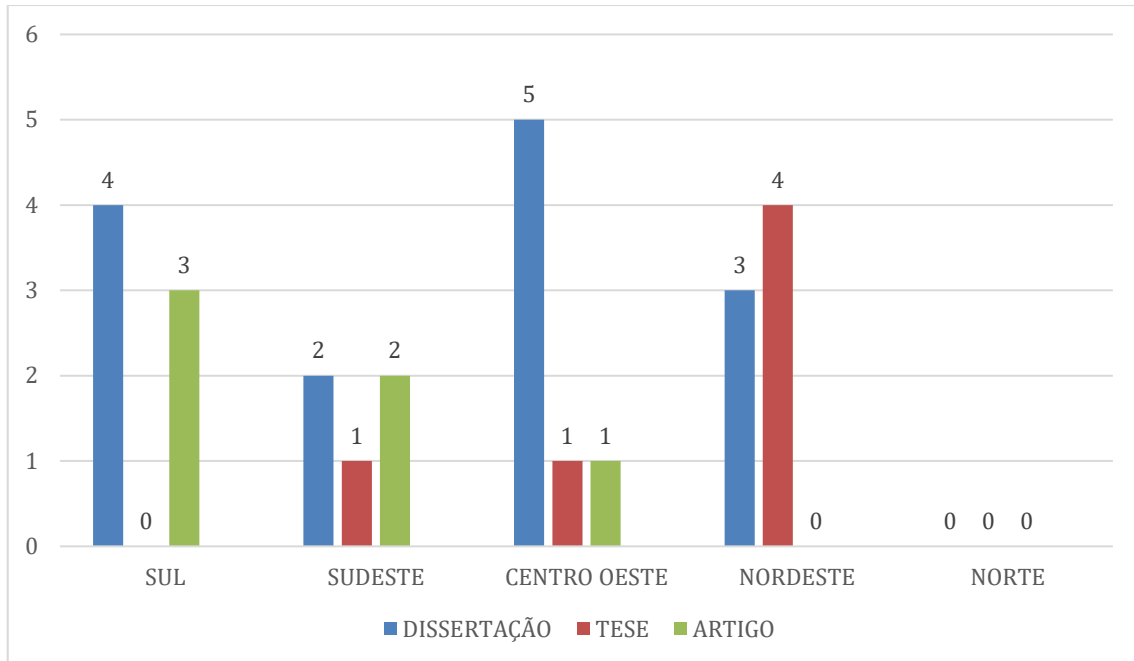


Fonte: Elaborada pela autora.

Em relação ao ano de publicação dos estudos selecionados, foi possível identificar com maior número de publicações os anos de 2016, 2018 e 2019. Sendo assim, constatou-se que as publicações no ano de 2016 apresentavam resultados voltados para Síndrome de *Burnout* (RAUPP, 2016; BERTONCELI, 2016; BOPSIN, 2016 REZENDE, 2016) afastamento por licença de saúde, resiliência em relação a superar os desafios da docência, condições de trabalho e falta de reconhecimento. As publicações de 2018 apresentadas traziam temas relacionados sobre a elevação do sofrimento no trabalho, sobrecarga e trabalho precário (ALBUQUERQUE, 2018; ALENCAR, 2018; COSTA, 2018). Em 2019 as publicações destacadas apresentavam os impactos do trabalho docente e as dinâmicas de intensificação e precarização, desgaste, pressão psicológica (ELIAS, 2019; AGUIAR, 2019; OSBORNE, 2019; SIMARDI NETO, 2019; TORRES, 2019).

O gráfico 2 mostra o levantamento das publicações por região do Brasil, fica evidenciado que nos últimos cinco anos há um número maior de estudos no Centro-Oeste e Nordeste, já na região Norte não houve nenhuma publicação nas bases de dados selecionadas nesta revisão sistemática. É possível que este resultado se dê pelas plataformas em que foram realizadas as buscas, podendo existir publicações na região Norte em outras bases de dados.

**Gráfico 2** – Quantidade de pesquisas selecionadas por região do Brasil.



Fonte: Elaborada pela autora.

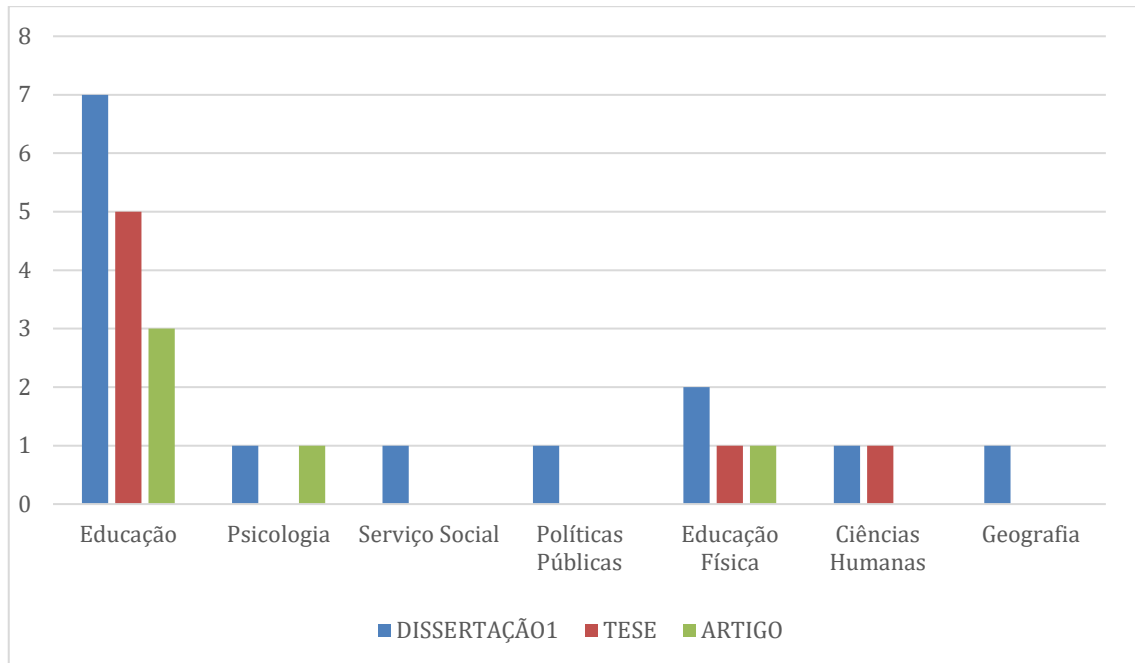
Do total de teses encontradas nas bases de dados, a região Nordeste publicou o maior número. Já no quesito dissertação, a região Centro-Oeste obteve maior destaque, totalizando cinco publicações, seguida da região Sul, Nordeste e Sudeste. As regiões com maior publicação de artigos centraram-se na região Sul e Sudeste, ambas com duas publicações.

Este resultado pode ter relação com os critérios de inclusão, pois no que se refere ao estudo, necessita ter relação a precarização do trabalho docente. Sendo assim, as demais pesquisas podem não estar relacionadas ao assunto apresentado. Nesse sentido, estes dados mostram a necessidade de desenvolver mais pesquisas sobre essa temática.

Ao analisar as áreas de pesquisas que têm se dedicado a estudar sobre a precarização do trabalho docente, percebeu-se que este assunto é de interesse de diferentes áreas do conhecimento. Com isso, entende-se que existe uma amplitude de

saberes que buscam investigar a problemática em questão, mas há prevalência no campo da Educação, sendo a área que apresentou mais estudos em todos os tipos de publicação.

**Gráfico 3** – Áreas de pesquisa dos estudos



Fonte: Elaborada pela autora.

O maior número de estudos publicados foi na área de Educação, pois entende-se que esta área se torna maior comparada às outras tendo relação ao estudo pesquisado. Além disso, se torna uma área mais pesquisada por adoecerem com frequência, em decorrência das condições de trabalho e das múltiplas situações que são formadas na organização, refletindo, assim, no viver desse trabalhador (BRASIL, 2001).

Segundo Raupp *et al.*, (2016), a profissão docente é considerada pela Organização Internacional do Trabalho (OIT) como uma atividade estressante, levando o professor a exposição de fatores persistentes que podem gerar a Síndrome de *Burnout* e desencadear problemas de saúde, alienação, apatia, como também a intenção em abandonar a profissão.

Vale ressaltar que um estudo realizado com profissionais docentes de Porto Alegre constatou que existem patologias que sucedem esta atividade laboral. Além disso, foi verificado que a flexibilização e a precarização do trabalho acometem estes profissionais de maneira negativa e induzem sua vida laboral como também a pessoal, pois compartilham de um sentimento de vulnerabilidade em seu trabalho, no que se refere à falta de segurança no emprego, pouco apoio, excesso de tarefas realizadas e desvalorização (RAUPP *et al.*, 2016).

A tabela abaixo apresenta os instrumentos/estratégias de coleta de dados utilizados nos estudos selecionados. Percebe-se que diversos estudos utilizaram um conjunto de no mínimo dois (duas) instrumentos/estratégias de coleta, enquanto outras utilizaram apenas um tipo.

**Tabela 2** – Instrumentos de coleta de dados

<b>INSTRUMENTOS DE COLETAS DE DADOS</b>	<b>QUANTIDADE DE ESTUDOS</b>
<b>Pesquisa bibliográfica</b>	6
<b>Questionários</b>	6
<b>Entrevistas</b>	15
<b>Observação</b>	3
<b>Análise documental</b>	9
<b>Estudo transversal</b>	1
<b>Análise Territorial</b>	1
<b>Clínico-quantitativa</b>	1

Fonte: Elaborada pela autora.

Fica evidente que a entrevista aparece na maior parte dos estudos. Trata-se de um estudo que permite o encontro entre duas pessoas e a exploração de dados sobre o comportamento humano. A utilização deste instrumento permite a captação de nuances, manifestação de expressões, visto que existe um contato maior entre entrevistador e entrevistado. Sendo um instrumento muito empregado nos campos das Ciências Humanas e Sociais (GIL, 2008).

Outro instrumento utilizado nas pesquisas selecionadas foi a análise documental que, de acordo com Gil (2002, p 62-3), mostra algumas vantagens por ser “fonte rica e estável de dados” não exige altos custos, como também não necessita do contato com o sujeito e proporciona maior explanação das fontes. Entende-se que o objetivo da utilização destes instrumentos serve para obtenção de informações relacionadas à precarização do trabalho docente.

Os questionários e observações também são instrumentos que se apresentam com um número expressivo. O primeiro viabiliza como forma de filtrar informações necessárias e que seja realizada com muitos sujeitos. Já em relação à observação, nota-se que ela foi conjugada com outros instrumentos, ou seja, a observação permite um acesso imediato à rotina dos sujeitos pesquisados (FLICK, 2013).



A Tabela 3 mostra as referências dos estudos selecionados. O objetivo dessa tabela é facilitar a localização dos trabalhos, caso o leitor tenha curiosidade em saber mais sobre os estudos, sugere-se que busque nas referências.

**Tabela 3-** Referência dos estudos selecionados

Id	Referências
1.	AGUIAR, Filipe Ribas de. Políticas educacionais na rede municipal de ensino de: impactos sobre o trabalho docente na gestão 2017-2020. 2019.
2.	ALBUQUERQUE, Guilherme Souza Cavalcanti de et al. Exploração e sofrimento mental de professores: um estudo na rede estadual de ensino do Paraná. <b>Trabalho, Educação e Saúde</b> , v. 16, n. 3, p. 1287-1300, 2018.
3.	ALENCAR, Simône de Oliveira et al. A precarização do trabalho docente no PARFOR desenvolvido no Instituto de Educação, Agricultura e Ambiente (IEAA) da Universidade Federal do Amazonas (UFAM). 2018.
4.	ALMEIDA, Rebecca Samara Fidelis de. Precarização do trabalho em educação a distância. 2016.
5.	ANDRADE, Letícia Raboud Mascarenhas de. <b>O professor polivalente dos anos iniciais do ensino fundamental da rede municipal de Natal/RN: trabalho, vivência e mediações</b> . 2017. Dissertação de Mestrado. Brasil.
6.	ASSIS, Camila Carolina Alves et al. Trabalho e mal-estar docente na educação infantil da rede pública municipal de Mineiros-Go: mediações de enfrentamento dos professores. 2020.
7.	BELLINASSO, Filipe. Educação a distância (Ead) e o trabalho docente: o aumento da precarização. 2020.
8.	BERNARDES, Adilson Toledo. <b>A precarização do trabalho docente na rede pública estadual paulista: possibilidades de uma análise territorial</b> . Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.
9.	BERTONCELI, Mariane et al. Trabalho docente na educação infantil: entre a precarização e valorização profissional. 2016.
10.	BOPSIN, Andressa Pires. Saúde docente e precarização do trabalho no curso de Educação Física na rede privada de ensino superior. 2016. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Pelotas.
11.	COSTA, Alessandra. A precarização do trabalho docente na educação infantil do município de Marília. 2018.
12.	DE OLIVEIRA, Ivan Bremm; FRIZZO, Giovanni Felipe Ernest. A PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO DO PPGEF/UFPEL SOBRE A REALIDADE DO TRABALHO DOCENTE NAS ESCOLAS PÚBLICAS DE PETROLINAS – RS. <i>Pensar a Prática</i> , v 20, n 2, 2017.
13.	ELIAS, Marisa Aparecida; NAVARRO, Vera Lucia. Profissão docente no ensino superior privado: o difícil equilíbrio de quem vive na corda bamba. <b>Cadernos de Psicologia Social do Trabalho</b> , v. 22, n. 1, p. 49-63, 2019.
14.	FACCI, Marilda Gonçalves Dias; URT, Sonia da Cunha; BARROS, Ana Teresa Fernandes. Professor readaptado: a precarização do trabalho docente e o adoecimento. <i>Psicologia Escolar e Educacional</i> , v. 22, n. 2, p. 281-290, 2018.

15. FINAMOR NETO, João Genaro. A precarização do trabalho docente na rede estadual de educação do Rio Grande do Sul: um estudo sobre a situação das professoras com contrato de trabalho temporário na zona norte de Porto Alegre. 2016.
16. FLORO, Elisângela Ferreira. Gerencialismo educacional e precarização do trabalho docente no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará. 2016.
17. GEREZ, Alessandra Galve; BRACHT, Valter. As faces da precariedade do trabalho docente e as estratégias de ação de professores de Educação Física atuantes no ensino superior privado mercantil. <b>Motrivivência</b> , v. 31, n. 60, p. 01-22, 2019.
18. GRIMALDI, Patrícia Soares et al. Trabalho docente precário e intenso: o REUNI como um mecanismo que aprofunda a contrarreforma universitária na UFPB. 2018.
19. OLIVEIRA, Francisco de Assis Furtado de. <b>Tessituras sobre a relação trabalho e saúde na vida do professor de Educação Física da Rede Estadual de Ensino de Pelotas/RS</b> . 2016. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Pelotas
20. OSBORNE, Bruce Patrick et al. A precarização do trabalho docente: a figura do professor substituto na Universidade Federal do Amazonas. 2019.
21. PIOVEZAN, Patricia Regina. As políticas educacionais e a precarização do trabalho docente no Brasil e em Portugal. 2017.
22. RAUPP, Luciane Marques; JUSTIN, Douglas Eliesler Justen Eliesler. Síndrome de Bournout em professores do ensino médio: um estudo qualitativo baseado no modelo biográfico de Kelchtermans. <b>Barbarói</b> , n. 46, p. 81-97, 2016.
23. REZENDE, Enivalda Vieira dos Santos. <b>Resiliência no contexto da prática pedagógica de professoras de escolas públicas municipais do Recife</b> . 2016.
24. SIMARDI NETO, Moacir. Neoliberalismo e educação: a precarização do trabalho docente e da educação pública no estado de São Paulo. 2019.
25. SOUZA, Katia Reis et al. A nova organização do trabalho na universidade pública: consequências coletivas da precarização na saúde dos docentes. <b>Ciência &amp; Saúde Coletiva</b>
26. TORRES, Edileuza da Silva et al. Precarização do trabalho docente: o caso do professor substituto do Centro de Ciências da Saúde da Universidade Federal da Paraíba. 2019.

Nessa direção, após a leitura completa dos estudos selecionados, o Quadro 1 foi preenchido com a finalidade de expor os objetivos e os principais resultados de cada pesquisa selecionada, como também a compreensão mais profunda de cada um dos estudos selecionados. (Ver Quadro 1).

**Quadro 1-** Síntese dos objetivos e principais resultados das pesquisas

Id	OBJETIVO	Ano	RESULTADOS
1	Compreender as mediações utilizadas pelos professores para lidar com a realidade do trabalho docente na Educação Infantil (EI), na cidade de Mineiros-Goiás.	2020	“A pesquisa revelou que as mediações mais utilizadas se relacionam à perspectiva individualista e reducionista da subjetividade, muito impregnadas pelo discurso hegemônico neoliberal, o que não possibilita a superação da alienação”.
2	Evidenciar o aumento da precarização nesta modalidade de ensino para com o modo tradicional.	2020	“Os resultados apontaram evidências dos mesmos processos apontados por Marx (2017), no que se diz respeito a inserção da maquinaria e seu impacto nas condições de trabalho do operário, na atual condição de trabalho do profissional docente mediante a consolidação da Ead e a inserção de tecnologia na realização do seu trabalho. Além do mais, também foi possível averiguar novas facetas de precarização que se manifestam em tal atividade. Concluindo assim, de que a Ead auxilia na continuidade do processo de precarização do trabalho docente, do qual já era existente na modalidade tradicional presencial, mas agora cria novas formas de ação na modalidade a distância.”
3	Analisar o processo de precarização do trabalho docente no contexto das Instituições de Ensino Superior (IES).	2019	“Os resultados mostram que o processo de precarização, intensificação e flexibilização do trabalho docente está presente no cotidiano dos professores substitutos do Centro de Ciências da Saúde e vem se firmando pela polivalência, pela forma de contratação e pela intensidade do ritmo de trabalho”.
4	Compreender como as políticas educacionais promovidas pela gestão 2017-2020 vêm influenciando o trabalho docente na rede municipal de ensino de Porto Alegre (RMEPOA).	2019	“Os achados desta pesquisa apontam para o desenvolvimento de políticas educacionais que não priorizam o debate e o trabalho pedagógico e que afetam o trabalho docente através de dinâmicas de intensificação e responsabilização, regulando o trabalho docente para uma transição da lógica do Estado provedor para o Estado regulador”.

5	Identificar a docência como uma atividade laboral adotada de particularidades, mas que apresenta também as influências gerais das determinações do modo de produção capitalistas.	2019	“É preciso reconhecer que as propostas da reforma neoliberal tiveram seu peso na construção de um cenário caótico para os professores”.
6	Discutir o trabalho e a saúde de professores do ensino superior privado. Parte-se da premissa de que a precarização do trabalho é um dos principais fatores que degradam a educação e a saúde desses profissionais	2019	“Os resultados mostram que os docentes estão submetidos a condições precárias e intensificadas de trabalho. A preservação da idealização da atividade profissional é um facilitador da alienação que prende os docentes a uma representação do trabalho como missão, que, além de submetê-los a condições fisicamente desgastantes, também os sujeitam a pressão psicológica potencialmente adoecedora”.
7	Identificar como tem se configurado a precariedade do trabalho docente no ensino superior privado mercantil e as estratégias de ação adotadas por docentes de cursos de licenciatura em Educação Física para o seu enfrentamento.	2019	“Os resultados indicaram que, além da sobrecarga de disciplinas e de um regime de trabalho predominante horista, obrigando-os a acumularem vários empregos, há perda da autonomia pedagógica devido à imposição de pacotes didáticos e das pressões do ENADE”.
8	Analisar o trabalho do professor substituto e sua relação com a instituição Universidade Federal do Amazonas e com o professor de carreira, enquanto colegas temporários.	2019	“Conclui-se que a forma de professor substituto construída por sucessivos governos restringe as condições de trabalho do magistério superior, de tal forma que a função de professor substituto só possa ser vista como uma plêiade de características de precariedade”.
9	Analisar os desdobramentos do neoliberalismo em seus aspectos políticos educacionais pedagógicos e jurídicos.	2019	“A análise da relação entre neoliberalismo e educação no estado de São Paulo e das lutas sociais neste campo aponta para as possibilidades de um projeto emancipatório que se contraponha à precarização do trabalho docente e da educação pública”.
10	Analisar a precarização do trabalho docente no PARFOR desenvolvido no Instituto de Educação Agricultura e Ambiente (IEAA), da Universidade Federal do Amazonas (UFAM), buscando compreender como a precarização do trabalho docente se acentua no contexto que é desenvolvido este	2018	“Verificamos que o trabalho docente é precarizado desde a sua gênese, todavia, no PARFOR, há uma intensificação maior da exploração da força de trabalho docente. A ausência do tripé universitário (ensino, pesquisa e extensão), a redução do tempo da carga horária, a densidade laboral, são fatores que acentuam a precarização do trabalho docente”.

	programa.		
<b>11</b>	Discutir a relação estabelecida entre a precarização do trabalho e o adoecimento do professor readaptado tendo como fundamento os pressupostos da Psicologia Histórico-Cultural	2018	“Como resultados, observamos que as exigências que são postas ao trabalhador na atualidade, entre elas o professor, têm provocado estranhamento em relação à atividade docente, uma ruptura entre sentido e significado na prática profissional e, como consequência, o adoecimento. Concluindo, entendemos ser necessário trabalhar em prol da emancipação do professor, a fim de possibilitar o desenvolvimento máximo de suas potencialidades”.
<b>12</b>	Analisar as condições de trabalho de professores do ensino médio na rede pública estadual, em Teresina – PI, considerando o contexto socioeconômico, político e educacional do Brasil, do Nordeste e do Piauí	2018	“Contraditoriamente, as condições de trabalho desses profissionais foram marcadas por elementos de precarização em um cenário nacional que apontava para a valorização do trabalho, em geral, e do trabalho docente, em particular, e em uma conjuntura estadual que indicava para a melhoria dos indicadores sociais e educacionais”.
<b>13</b>	Verificar a associação entre a elevação da exploração no trabalho dos docentes e o sofrimento mental.	2018	“Evidenciou-se, com a presente investigação, que a prevalência de casos indicativos de distúrbios psíquicos é muito elevada entre os professores e que há indícios da associação desta prevalência com diversas formas de exploração no trabalho. Carga horária semanal, número de turmas por professor e número de alunos por turma apresentaram relação positiva para a ocorrência de sofrimento mental. Embora somente a associação entre o número de alunos por turma e a presença de sofrimento mental tenha se apresentado estatisticamente significativa, deve-se considerar que a análise de tais fatores tomados isoladamente em relação aos processos que os determinam padece de todas as limitações das interpretações unicasais e multicasais das doenças”.
<b>14</b>	Analisar as condições de precarização do trabalho docente na educação infantil do município de Marília.	2018	“Os dados obtidos revelaram que a precarização do trabalho dos docentes na educação infantil se materializa na dupla jornada de trabalho (Jornada Especial); na flexibilização de contratos de trabalho; no controle do trabalho e na desvalorização intelectual do professor; na ausência do plano de carreira do magistério; e na deficiente política salarial da categoria”.

15	Analisar a precarização e a intensificação do trabalho docente na UFPB no contexto do REUNI.	2018	“O resultado obtido confirma nosso pressuposto de pesquisa evidenciando que a precarização e intensificação do trabalho docente se expressa para além dos critérios quantitativamente observáveis, mas principalmente, na consolidação de uma cultura mercantil que tem na contrarreforma universitária seu eixo estruturante norteado pelos valores advindos do neoliberalismo”.
16	Sistematizar a produção do conhecimento desenvolvida no PPGEF/UFPel sobre o trabalho docente da Educação Física nas escolas Públicas de Pelotas (RS).		“Constataram-se ainda a fragilidade da formação inicial, a carência de ações de formação continuada, políticas públicas insuficientes e o esgotamento profissional”.
17	Explorar e analisar elementos e percepções constitutivas do trabalho docente e seu contexto de inserção, bem como a articulação com as vivências, sua expressão e constituição.	2017	“Observaram-se diferentes modos de relação com a atividade: uma vivência estabelecida na lógica da produção e controle da turma, revelando impedimentos da ação e sentimentos de solidão; e outra centrada na mobilização intelectual do aluno, expressando dinamismo e satisfação laboral, além de acesso a recursos de enriquecimento da ação. Aponta-se para a necessidade de criar e fortalecer coletivos de trabalho nas escolas visando ao desenvolvimento e construção de referenciais para a ação, além da mobilização política por melhores condições de trabalho”.
18	Identificar as implicações das reformas educacionais no processo de precarização do trabalho docente no Brasil e em Portugal da década de 1990 até os dias atuais.	2017	“Nos últimos 26 anos a categoria docente dos dois países vivencia a ampliação da precarização do trabalho, tendo em vista o arrocho salarial, o aumento da jornada de trabalho, a flexibilização do trabalho, entre outros elementos, que afetaram diretamente o trabalho dos professores nas escolas”.
19	Identificar se professores da rede particular de ensino da cidade de Porto Alegre apresentam características sintomatológicas de Burnout ou a predisposição a desenvolvê-lo. Porém, mais do que diagnosticar, fez-se necessário também investigar fatores capazes de fornecer subsídios para prevenir e tratar o Burnout.	2017	“Os resultados obtidos apontam para a presença de significativos níveis de Exaustão Emocional e Baixa Realização Profissional, duas das três subescalas que caracterizam a Síndrome de Burnout”.
20	Analisar a nova organização do trabalho dos professores universitários, estabelecendo uma relação com o panorama de saúde desses trabalhadores	2017	“Verificou-se, na literatura, que prepondera no cenário das universidades o uso de fortes pressões organizacionais e como consequência produz-se a intensificação do trabalho, com destaque para a questão do aumento da exigência de produtividade acadêmica. Constatou-se, ainda, que o tema da sobrecarga de trabalho do professor é recorrente e prevalece a ideia de menor disponibilidade de

			tempo para o lazer. Além disso, confirmou-se o imperativo da resistência coletiva organizada de maneira a se modificar o quadro de precarização do trabalho do professor”.
21	Analisamos o trabalho do professor na conjuntura, considerando o trabalho, como elemento central, e as subcategorias que estão relacionadas às condições de trabalho docente na educação infantil.	2016	“Conclui que apesar da ampliação das tarefas destinadas à profissionais deste nível, a valorização salarial e social está longe de ser a ideal para a realização de um trabalho docente”.
22	Analisar as implicações da precarização do trabalho docente na saúde dos/as professores/as de Educação Física nessa faculdade	2016	“Conclui que a cada ano de existência da Instituição, o trabalho pedagógico em geral se torna mais precário e que faz os/as trabalhadores/as adoecerem de modo substancial, podendo afirmar que a precarização do trabalho e a saúde docente estão intimamente associadas e que dentre os agravamentos de saúde do professorado da IES pesquisada são os problemas osteomusculares, problemas vocais e labirintite e que são decorrentes de fatores de saúde mental como: stress, cansaço, desânimo e transtorno de ansiedade”;
23	Compreender se os professores que estão afastados por licença saúde, ou delimitados nas escolas, encontram-se nesse quadro devido às relações que o trabalho e a precarização do mesmo com a sua saúde.	2016	“O professor que encontramos hoje em dia é uma pessoa cansada, que luta com força por seus direitos procurando sempre realizar o seu trabalho da melhor forma possível, não importando o tamanho das dificuldades. Os resultados encontrados confirmaram nossa hipótese de que o trabalho adocece os professores”.
24	Compreender o processo de resiliência na prática pedagógica de professores de escola pública. Investigamos como as professoras de escola pública, expostas a condições e problemas adversos, revelam resiliência nas práticas, que desenvolvem na escola e na sala de aula.	2016	“Constatamos que as professoras pesquisadas desenvolvem variadas interações com os alunos, pares e demais atores escolares e procuram favorecer a humanização desses sujeitos. Defendemos a seguinte tese: a resiliência na educação é um processo, no qual o professor expressa sua capacidade de superar os desafios da docência e se reestruturar; assim como construir estratégias para o desenvolvimento de uma prática pedagógica humanizadora, no espaço da escola pública”.

25	Investigar a precarização do trabalho docente das professoras que possuem vínculo de trabalho temporário na rede estadual de educação do Rio Grande do Sul.	2016	“Relacionamos a precarização do trabalho docente com suas repercussões para o processo de trabalho e para as professoras. Apontamos para a relação entre a precarização do trabalho e a retirada dos direitos sociais com o aumento da exploração do trabalho”.
26	Verificar se o trabalho docente no IFCE está sendo afetado pela intensificação e precarização, em decorrência do aumento de atribuições imputado a estas instituições, principalmente com a expansão do ensino superior e pelo vínculo obrigatório (pelo menos no plano formal) entre ensino, pesquisa e extensão.	2016	“No entanto, os docentes são cobrados pelos sistemas de avaliação a desempenhar trabalhos bastante similares aos docentes das universidades, contribuindo para precarizar ainda mais suas condições de trabalho devido à intensificação de atribuições”.

O quadro 1 mostra que na pesquisa de Assis (2020), a sociedade, no modo de produção capitalista, submete o trabalhador docente a condições desfavoráveis, precárias: como a exploração, desprestígio e intensificação. Assim, como diz Antunes (2014) quando se refere a “nova morfologia do trabalho” que se caracteriza pelo ritmo e intensificação.

Diante dos problemas apresentados relativos ao trabalho docente, percebe-se que esses professores se deparam com condições que geram mal-estar e que acabam provocando sentimentos de angústia em relação ao trabalho e os adoecem, pois ocorre o fenômeno da alienação (ASSIS, 2020; ANDRADE, 2017). No entanto, a alienação funciona como artifício defensivo. Ter consciência do mal e ainda ser forçado a se submeter pode ser motivo para intenso sofrimento (ELIAS; NAVARRO, 2019).

Os autores Elias e Navarro (2019) identificaram na sua pesquisa aspectos relacionados ao trabalho e saúde, dando ênfase no adoecimento psicossomático provocado pelo desgaste laboral. Entende-se que é preciso dar maior visibilidade ao adoecimento pelo trabalho, como também às doenças que acometem o trabalhador, para que possa possibilitar maior reconhecimento dessa relação.

Raupp e Justin (2016) apresentam que os fatores ergonômicos, tanto fisiológicos como psicológicos, são capazes de gerar alterações no organismo como também no estado emocional, implicando na saúde do trabalhador. De acordo com a OIT (2012), esse contato com o público é uma condição de risco para o desenvolvimento de doenças



psicossomáticas. Além do mais, as lesões por esforço repetitivo e distúrbios osteomusculares se interligam com as novas demandas da sala de aula, assim como no mundo atual.

Com base nisso, percebe-se que na atualidade os docentes se sentem desvalorizados em sua profissão. Assim, entende-se que essa exposição a fatores estressantes, segundo Rosa e Carlotto (2005), faz com que esses trabalhadores desenvolvam um alto nível de esgotamento e a baixa valorização que, sendo um fator importante para o desenvolvimento do Burnout (SB), doença comum em profissionais da Educação (BORBA *et al.*, 2015; ASSIS, 2020). Tal situação corrobora com o que Neto (2019) constatou, que a precarização está nas condições de trabalho, que acompanha um grande aumento do número de casos de doenças de caráter psicológico e emocional.

Alencar (2018) enfatiza que as condições que desvalorizam e precarizam são elementos que sinalizam para uma aguda proletarização docente. Na mesma direção, Elias e Navarro (2019) afirmam que o professor experiencia hoje indicadores evidentes de precarização que se torna relativos aos aspectos como valorização, prestígio, condições de vida, respeito e satisfação no exercício da profissão.

Diante disso, Elias e Navarro (2019) identificaram em sua pesquisa que a atividade docente, especificamente as que são realizadas em instituições privadas, está sujeita aos mesmos preceitos de gestão que pertence às demais. O ensino de forma geral está sendo afetado pelas transformações no mundo do trabalho, que de certa forma acaba atingindo toda a categoria de trabalhadores (ELIAS; NAVARRO, 2019). Em especial, as instituições de ensino superior privadas, que apresentavam condições de trabalho cada vez mais precarizadas e intensificada.

Nessa perspectiva é possível compreender o que Ricardo Antunes (2014) esclarece sobre a precarização do trabalho e Dal Rosso (2008) sobre a identificação e exploração do trabalho. Bopsin (2016) observou esses fatores na sua dissertação, pois o autor ressalta que um dos elementos que caracterizam a precarização do trabalho docente é a sua intensificação, legitimada por situações que desempenham diversas tarefas, fazendo com que haja uma diversificação de funções. E com isso faz com que o docente trabalhe de forma desqualificada pela carência de condições apropriadas de trabalho, ocasionando mal-estar, apatia e cansaço, que podem ser fatores agravantes à saúde mental e a outros problemas de saúde associados a estes sintomas.

No que diz respeito à população pesquisada nos estudos selecionados, constatou-se que, além de envolverem docentes efetivos, algumas pesquisas incluíram também outros docentes com vínculos temporários ou substitutos (FINAMOR NETO, 2016). Quanto a esses docentes, percebeu-se que eles vivem em uma situação marcada pela perda de direitos, em uma vida de incertezas quanto ao futuro profissional e pessoal. Sendo assim, é comum que as professoras com vínculos temporários e substitutos adoeçam em virtude do desgaste físico/mental ocasionado pelo trabalho (OSBORNE *et al.*, 2019; TORRES *et al.*, 2019).

Outra questão observada foram os diversos fatores que permeiam e afetam negativamente o trabalho docente, que tiram o prazer de ser professor, dentre os quais resultam no não reconhecimento desta classe, desvalorização social da profissão e baixos salários. Fica evidente que essas condições vão assolando a energia e o ânimo desses professores, favorecendo o adoecimento e o afastamento do exercício do magistério (REZENDE, 2016).

Vale ressaltar que a feminização no cargo docente é outra questão observada nos estudos, atualmente este trabalho é desempenhado por mulheres (BERTONCELI, 2016). No entanto, percebe-se que esse processo é contraditório, visto que, esse campo viabilizou a inserção da mulher no mercado de trabalho nas décadas passadas, apresentando a precarização como também a desvalorização de um trabalho visto quase como exclusivamente “trabalho feminino”, embora tenha apresentado alguma evolução na posição social da mulher do passado, isso não assegura, de fato, uma superação das relações sociais de subordinação gênero (ASSIS, 2020).

É notório que os professores se percebem estagnados em sua carreira, inseguros no seu trabalho pelo baixo reconhecimento e valor social (ASSIS, 2020). Segundo a Psicodinâmica do trabalho, Mendes (1999) explica que quando o sentimento de valorização e reconhecimento constructos que promovem o prazer no trabalho está em baixa, emerge o sofrimento, que segundo Souza (2017), se manifesta a partir do desgaste percebido em sintomas como cansaço, desânimo, ausência de prazer. Tais sintomas, aliados a irritabilidade, fadiga, insatisfação, angústia e desmotivação.

No entanto, foi possível verificar que alguns estudos manifestam a existência de para lidar com os fenômenos do mal-estar em relação à atividade do trabalhador docente. Esses profissionais buscam questões metafísicas como a religiosidade, buscam separar a vida profissional da vida pessoal e atendimento psicológico como medida profilática para

a prevenção e evitação do adoecimento. Neste estudo foi exposta também como medida de mediação a valorização salarial, pois entende-se que com melhores salários estes profissionais seriam capazes de trabalhar com carga horária reduzida, que segundo a pesquisa realizada, reduziria a sobrecarga dos professores (ASSIS, 2020; ANDRADE, 2017).

Rezende (2016) menciona no seu estudo sobre a resiliência, apontando que diante desse quadro tão real que atinge o magistério, algumas professoras dizem que apesar de serem expostas a condições desgastantes e problemas adversos, mostram resiliência na sua prática. Foi possível constatar alguns indícios de resiliência que essas docentes apresentavam, sendo eles: a resistência e persistência, superação, fé e acreditar também na capacidade da mudança, essas foram algumas estratégias para driblar as adversidades encontradas.

Para Assis (2020), essa luta que os trabalhadores têm contra a precarização e a desvalorização só encontra sentido no coletivo. Tal situação corrobora com o que Dejours, (2007) já havia apresentado, que o trabalho do professor não se resume somente na relação do indivíduo com a tarefa, mas dele com os outros, pois entende-se que essas circunstâncias são provenientes de marcas históricas que vêm acompanhando essa classe até a contemporaneidade. Contudo, as dificuldades desses trabalhadores não devem se restringir apenas ao reconhecimento de suas condições vividas, mas, além disso, deve-se ter um olhar mais atento para entender e desvelar as eventualidades das dificuldades, da precarização.

Vale ressaltar que em relação à Educação a Distância, é notável que o processo de precarização do trabalho docente não nasceu nessa modalidade, mas que se apresenta na modalidade presencial e tem se prolongado no momento atual devido à crise sanitária, pois aumenta a exploração das condições desses profissionais (BELLINASSO, 2020)

Com base em nas reflexões levantadas até aqui, é possível perceber ao olharmos para o trabalho docente na Ead, não é só notável simplificação do trabalho, mas em compensação, em muitas circunstâncias, a exigência de um trabalhador polivalente que, não se depare com barreiras em relação ao uso das tecnologias, e que não se limite somente em sua área de conhecimento, mas que saiba atender às diversas demandas (BELLINASSO, 2020; OLIVEIRA *et al.*, 2012).

Por fim, a partir da busca sistemática na literatura científica, foi possível tornar mais amplo o campo de visão e aprimorar as reflexões sobre o quanto o assunto da

precarização do trabalho docente tem sido discutido no meio acadêmico. É pertinente frisar que essa análise objetivou explorar como a problemática da precarização se apresentava na profissão docente. Sendo assim, é perceptível que a precarização do trabalho docente tem sido abordada de forma central ou coadjuvante nas pesquisas.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa teve como objetivo caracterizar o cenário das produções científicas acerca da precarização do trabalho docente no Brasil nos últimos cinco (5) anos. A temática estudada foi tratada não só no campo da Psicologia, como também na Educação, Ciências Humanas e Educação Física e de outras áreas de conhecimento.

Percebe-se que o trabalho docente se transformou com as mudanças sociais e políticas do mundo, suscitando na esfera atual que o professor sane os diversos problemas, porém, não são oferecidos recursos adequados, e ainda há exigência de um professor polivalente que demande distintos saberes e conhecimentos, e que busque estratégias que possibilitem a promoção de saúde, bem-estar profissional e cuidado. Além disso, espera-se que esse docente desenvolva habilidades que o capacitem para lidar com as diversas precariedades que permeiam o cotidiano escolar.

Dessa forma, fica evidente que a maioria das pesquisas apresentaram resultados que se referiam a fatores que interferem na satisfação do trabalhador docente, bem como na qualidade de vida, fatores esses que implicam na saúde física e mental, provocando desgastes, sofrimento que propicia doenças somáticas, psíquicas ou psicossomáticas.

Foram mencionadas como fatores que influenciam na qualidade do trabalho docente como também na vida do trabalhador: a desvalorização, exploração, intensificação, as diversas demandas que são apresentadas, a falta de reconhecimento. Existem também sentimentos de angústia em relação ao trabalho, caracterizando, no entanto, uma precarização.

Em contrapartida, os resultados apontam que embora as condições de trabalho tenham os percalços, esses docentes encontram ferramentas de apoio, que são chamadas por eles de mediações, e que ajudam a lidar com os fenômenos do mal-estar causado pela precarização do seu trabalho. Nesse sentido, foram citados que esses profissionais buscam questões metafísicas, como a religiosidade, tentam separar a vida profissional e pessoal, buscam também atendimento psicológico como prevenção e evitação profilática, além do reconhecimento do próprio trabalho que desempenham. Sendo assim, se torna essencial futuras pesquisas pensarem em ferramentas/estratégias de manejo e intervenções preventivas e não apenas assistencialistas.

Em síntese, os resultados apresentados indicam a necessidade de continuidade de pesquisas sobre essa temática, em todas as regiões do Brasil, mas especialmente na região Norte, pois percebe-se a ausência de pesquisas publicadas no estado do Tocantins nos últimos cinco anos, pois constatou-se a falta de publicações sobre o tema da precarização do trabalho docente.

Desta forma, sugere-se que os acadêmicos e profissionais de psicologia, promovam o aprofundamento da produção científica na temática da precarização do trabalho docente, trazendo desdobramentos não só para a prática psicológica, mas também para o âmbito acadêmico, profissional e social.

## REFERÊNCIAS

- ALBORNOZ, S. **O que é trabalho**. São Paulo: Brasiliense, 2000, Coleção Primeiros Passos.
- ASSIS, F.B de. **Síndrome de burnout**: um estudo qualitativo sobre o trabalho docente e as possibilidades de adoecimento de três professoras das séries iniciais. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Uberlândia-MG. Pós-graduação em Psicologia. Uberlândia, 2006.
- ANTUNES, Ricardo et al (Org.). **Infoproletários: degradação real do trabalho virtual**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2009. 256 p
- ANTUNES, Ricardo. Desenhando a nova morfologia do trabalho no Brasil. **Estudos Avançados**, v. 28, n. 81, p. 39-53, 2014. Disponível em: [https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S010340142014000200004&lng=en&nrm=iso](https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010340142014000200004&lng=en&nrm=iso) Acesso: 16/09/2020.
- ANTUNES, R. A explosão do novo proletariado de serviços. In: ANTUNES, R. **O privilégio da servidão**: o novo proletariado de serviços na era digital. São Paulo: Boitempo, 2018.
- ANTUNES, Ricardo. **Os sentidos do trabalho: ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho**. Boitempo Editorial, 2015.
- AHLERT, Edson Moacir; WILDNER, Maria Claudete Schorr; PADILHA, Teresinha Aparecida Faccio (org.). METODOLOGIAS ATIVAS DE ENSINO E APRENDIZAGEM. In: AHLERT, Edson Moacir. **A Reforma do Ensino**: educação profissional e a formação de professores. Lajeado: Univates, 2017. Cap. 1. p. 1-129.
- ASSUNÇÃO, Ada Ávila; OLIVEIRA, Dalila Andrade. Intensificação do trabalho e saúde dos professores. **Educação & Sociedade**, v. 30, n. 107, p. 349-372, 2009.
- AZAMBUJA, Eliana Pinho de et al. É possível produzir saúde no trabalho da enfermagem?. **Texto & Contexto-Enfermagem**, v. 19, n. 4, p. 658-666, 2010.
- AGUIAR, Filipe Ribas de. Políticas educacionais na rede municipal de ensino de: impactos sobre o trabalho docente na gestão 2017-2020. 2019.
- ALBUQUERQUE, Guilherme Souza Cavalcanti de et al. Exploração e sofrimento mental de professores: um estudo na rede estadual de ensino do Paraná. **Trabalho, Educação e Saúde**, v. 16, n. 3, p. 1287-1300, 2018.
- ALENCAR, Simône de Oliveira et al. A precarização do trabalho docente no PARFOR desenvolvido no Instituto de Educação, Agricultura e Ambiente (IEAA) da Universidade Federal do Amazonas (UFAM). 2018.
- ALMEIDA, Rebecca Samara Fidelis de. Precarização do trabalho em educação a distância. 2016.
- ANDRADE, Letícia Raboud Mascarenhas de. **O professor polivalente dos anos iniciais do ensino fundamental da rede municipal de Natal/RN: trabalho, vivência e mediações**. 2017. Dissertação de Mestrado. Brasil.

ASSIS, Camila Carolina Alves et al. **Trabalho e mal-estar docente na educação infantil da rede pública municipal de Mineiros-Go**: mediações de enfrentamento dos professores. 2020.

BARBARA, M. M. Reestruturação produtiva, qualificação, requalificação e desemprego: percepção e sofrimento do trabalhador. **Psicologia: ciência e profissão**, Brasília, v. 19, n. 1, p. 30-49, 1999.

BRAZIL. MINISTÉRIO DA SAÚDE; PAN AMERICAN HEALTH ORGANIZATION. REPRESENTAÇÃO DO BRASIL. **Doenças relacionadas ao trabalho: manual de procedimentos para os serviços de saúde**. Editora MS, 2001.

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular – BNCC. Brasília:

MEC/SEF, 2017. Disponível em:

[http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC\\_EI\\_EF\\_110518\\_versaofinal\\_site.pdf](http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf)  
Acesso em: 30/10/2020.

BORBA, Bruna Mainardi Rosso et al. Síndrome de Burnout em professores: estudo comparativo entre o ensino público e privado. **Psicologia Argumento**, v. 33, n. 80, 2017.

BENFATTI, Xênia Diógenes; DANTAS, Luana Maria Rodrigues. A intensificação e precarização do trabalho: um estudo bibliográfico sobre seu sentido na contemporaneidade. **Revista de Humanidades**, v. 32, n. 1, p. 82-93, 2017.

BERNARDO, João. **Democracia totalitária: teoria e prática da empresa soberana**. Cortez, 2004.

BELLINASSO, Filipe. **Educação a distância (Ead) e o trabalho docente**: o aumento da precarização. 2020.

BERNARDES, Adilson Toledo. **A precarização do trabalho docente na rede pública estadual paulista: possibilidades de uma análise territorial**. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.

BERTONCELI, Mariane et al. **Trabalho docente na educação infantil**: entre a precarização e valorização profissional. 2016.

BOPSIN, Andressa Pires. **Saúde docente e precarização do trabalho no curso de Educação Física na rede privada de ensino superior**. 2016. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Pelotas.

BRUCHEZ, Adriane et al. Análise da utilização do estudo de caso qualitativo e triangulação na Brazilian Business Review. **Revista ESPACIOS| Vol. 37 (Nº 05)**, 2016.

CAMANA, Christiane. O Sofrimento “extremo” do Professor. **Prazer, sofrimento, indiferença na educação**, p. 95, 2007.

CARVALHO, Antônio Ivo; FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ. Determinantes sociais, econômicos e ambientais da saúde. **Fundação Oswaldo Cruz. A saúde no Brasil** em, v. 2030, p. 19-38, 2013.



CARLOTTO, Mary Sandra. A síndrome de burnout e o trabalho docente. **Psicologia em estudo**, v. 7, n. 1, p. 21-29, 2002.

CORTEZ, Pedro Afonso; ZERBINI, Thais; VEIGA, Heila Magali da Silva. Práticas humanizadas de gestão de pessoas e organização do trabalho: para além do positivismo e do dataísmo. **Trabalho, Educação e Saúde**, v. 17, n. 3, 2019.

COSTA, Alessandra. **A precarização do trabalho docente na educação infantil do município de Marília**. 2018.

DAL ROSSO, S. **Mais trabalho: a intensificação do labor na sociedade contemporânea**. São Paulo: Boitempo, 2008.

DAL ROSSO, Sadi. **O ardil da flexibilidade: os trabalhadores e a teoria do valor**. Boitempo Editorial, 2017. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=rL9DDwAAQBAJ&oi=fnd&pg=PT5&dq=+O+ardil+da+flexibilidade:+os+trabalhadores+e+a+teoria+do+valor&o> Acesso: 16/09/2020.

DA SILVA, Túlio Sene. DESEMPREGO E PRECARIZAÇÃO, DUAS DIMENSÕES DA CRISE DO TRABALHO NO CAPITALISMO CONTEMPORÂNEO. **PEGADA-A Revista da Geografia do Trabalho**, v. 6, n. 2, 2005.

DE ARAÚJO, Marley Rosana Melo; DE MORAIS, Kátia Regina Santos. Precarização do trabalho e o processo de derrocada do trabalhador. **Cadernos de Psicologia Social do Trabalho**, v. 20, n. 1, p. 1-13, 2017.

DE SÁ, Tiago Tavares; NETO, Francisco Raimundo Alves. A docência no Brasil: história, obstáculos e perspectivas de formação e profissionalização no século XXI. **TROPOS: COMUNICAÇÃO, SOCIEDADE E CULTURA (ISSN: 2358-212X)**, v. 5, n. 1, 2016.

DE MORAES, Rosângela Dutra. Prazer e sofrimento no trabalho docente: estudo com professoras de ensino fundamental em processo de formação superior. **Revista Psicologia: Organizações e Trabalho**, v. 5, n. 1, p. 159-183, 2005. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/rpot/article/view/7777> Acesso: 12/09/2020.

DEJOURS, C; ABDOUCHELI, E. JAYET, C. **Psicodinâmica do trabalho: contribuições da Escola Dejouriana à análise da relação prazer, sofrimento e trabalho**. São Paulo: Atlas, 1994.

DEJOURS, Christophe; DESSORS, Dominique; DESRIAUX, François. Por um trabalho, fator de equilíbrio. **Revista de Administração de empresas**, v. 33, n. 3, p. 98-104, 1993. Disponível em: [https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0034-75901993000300009&lng=pt&nrm=iso](https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-75901993000300009&lng=pt&nrm=iso) Acesso: 02/10/2020.

DEJOURS, Christophe et al (Org.). **Psicodinâmica do Trabalho: Contribuições da escola Dejouriana à Análise da Relação Prazer, Sofrimento e Trabalho**. São Paulo: Atlas, 1994.

DEJOURS, C. Subjetividade, trabalho e ação. **Revista Produção**, v. 14, n. 3, p. 027-034, Set./Dez. 2004.

DEJOURS, Christophe. **O fator humano**. Rio de Janeiro: FGV, 1997.

DEJOURS, Christophe. **A banalização da injustiça social**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1999.

- DEJOURS, C. **A loucura do trabalho**: estudo de psicopatologia do trabalho. São Paulo: Cortez; Oboré, 1992.
- DUARTE, Pedro Henrique Evangelista; ZULLO, Gustavo José Danieli. **Crise do capital, desemprego estrutural e as novas formas de estranhamento do trabalho**. VII Colóquio Marx e Engles, 2012, Campinas.
- DRUCK, Graça. Trabalho, precarização e resistências: novos e velhos desafios?. **Caderno Crh**, v. 24, n. SPE1, p. 37-57, 2011. Disponível em: [https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-49792011000400004](https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-49792011000400004)  
Acesso: 18/09/2020.
- FACAS, E. P. **Estratégias de mediação do sofrimento no trabalho automatizado**: estudo exploratório com pilotos de trem de metrô do Distrito Federal. 2009. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social do Trabalho e das Organizações). Universidade de Brasília, Brasília, 2009.
- FACCI, Marilda Gonçalves Dias; URT, Sonia da Cunha; BARROS, Ana Teresa Fernandes. Professor readaptado: a precarização do trabalho docente e o adoecimento. **Psicologia Escolar e Educacional**, v. 22, n. 2, p. 281-290, 2018.
- FRANKE, Silvia Isabel Rech et al. **A interdisciplinaridade na promoção da saúde para diferentes grupos populacionais**. 2017.
- FREITAS, Lêda Gonçalves de; FACAS, Emílio Peres. Vivências de prazer-sofrimento no contexto de trabalho dos professores. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 13, n. 1, p. 1-20, 2013.
- FERREIRA, J. B. Patologias da Solidão. In: VIERA, F. O.; MENDES, A. M.; MERLO, A. R. C. **Dicionário crítico de gestão e psicodinâmica do trabalho**. Curitiba: Juruá, 2013b, p. 275-279.
- FERREIRA JR., Amárico. **História da Educação Brasileira : da Colônia ao século XX**. São Carlos: EdUFSCar, 2010.
- FISCHER, Daniela; PEREZ, Karine Vanessa. Eu sou quem então?. **Cadernos de Psicologia Social do Trabalho**, p. 133-147, 2018.
- FINAMOR NETO, João Genaro. **A precarização do trabalho docente na rede estadual de educação do Rio Grande do Sul**: um estudo sobre a situação das professoras com contrato de trabalho temporário na zona norte de Porto Alegre. 2016.
- FLORO, Elisângela Ferreira. **Gerencialismo educacional e precarização do trabalho docente no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará**. 2016.
- GADOTTI, Moacir. **História das ideias pedagógicas**. 8. ed. São Paulo: Ática, 2006.
- GRANDE, Carolina. **O trabalho e o afeto**: Prazer e sofrimento no trabalho dos professores da escola pública de Brasília. 2009.
- GALVÃO, Taís Freire; PEREIRA, Mauricio Gomes. **Revisões sistemáticas da literatura: passos para sua elaboração**. Epidemiologia e Serviços de Saúde, [S.L.], v. 23, n. 1, p. 183-184, mar. 2014.

- GALVÃO, Cristina Maria; SAWADA, Namie Okino; TREVIZAN, Maria Auxiliadora. Revisão sistemática: recurso que proporciona a incorporação das evidências na prática da enfermagem. **Revista Latino-americana de enfermagem**, v. 12, n. 3, p. 549-556, 2004.
- GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.
- GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Editora Atlas, 2008.
- GIL, A.C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1991.
- GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010.
- GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008.
- GUIMARÃES, Flávia Arantes Lopes; MARTINS, Maria do Carmo Fernandes. Valores e prazer-sofrimento no trabalho: um estudo com profissionais de nível superior. **Estudos de Psicologia** (Campinas), v. 27, n. 2, p. 133-145, 2010.
- GEREZ, Alessandra Galve; BRACHT, Valter. As faces da precariedade do trabalho docente e as estratégias de ação de professores de Educação Física atuantes no ensino superior privado mercantil. **Motrivivência**, v. 31, n. 60, p. 01-22, 2019.
- GRIMALDI, Patrícia Soares et al. **Trabalho docente precário e intenso: o REUNI como um mecanismo que aprofunda a contrarreforma universitária na UFPB**. 2018.
- GOMES, Luciana et al. **Trabalho multifacetado de professores/as: a saúde entre limites**. 2002. Tese de Doutorado.
- HAUSCHILD, Luis Paulo. **As metodologias ativas e o seu impacto na área do ensino**. 2018.
- KANTORSKI, L.P. As transformações no mundo do trabalho e a questão da saúde - algumas reflexões preliminares. **Rev.latino-am.enfermagem**, Ribeirão Preto, v. 5, n. 2, p. 5-15, abril 1997. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/rlae/v5n2/v5n2a02.pdf> Acesso: 16/09/2020.
- LAPO, Flavinês Rebolo; BUENO, Belmira Oliveira. Professores, desencanto com a profissão e abandono do magistério. **Cadernos de pesquisa**, n. 118, p. 65-88, 2003. Disponível em: [https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S010015742003000100004&scriptsci\\_ar\\_text&tlng=pt](https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S010015742003000100004&scriptsci_ar_text&tlng=pt) Acesso: 17/09/2020.
- MADEIRA, Margot Campos. Representações sociais de professores sobre a própria profissão: à busca de sentidos. **23a. Reunião da ANPED-Educação não é privilégio. GT Psicologia da Educação**, p. 1-13, 2000.
- MOURA, Dante Henrique. **Trabalho e formação docente na educação profissional**. 2014. Disponível em: <https://memoria.ifrn.edu.br/bitstream/handle/1044/326/Trabalho%20e%20Formacao%20Doce nte%20-%20livro%20IFPR.pdf?sequence=1> Acesso: 04/10/2020.
- MESQUITA, Simone Karine da Costa; MENESES, Rejane Millions Viana; RAMOS, Déborah Karollyne Ribeiro. Metodologías activas de ensino/aprendizagem: dificuldades de docentes de un curso de enfermería. **Trabalho, Educação e Saúde**, v. 14, n. 2, p. 473-486, 2016.

MENDES, René; DIAS, Elizabeth Costa. Da medicina do trabalho à saúde do trabalhador. **Revista de saúde pública**, v. 25, p. 341-349, 1991.

NISKIER, Arnaldo. **História da educação brasileira: de José de Anchieta aos dias de hoje, 1500-2010**. 3ª ed. São Paulo: Editora Europa, 2011.

NEVES, Mary Yale Rodrigues; SILVA, Edith Seligmann. A dor e a delícia de ser (estar) professora: trabalho docente e saúde mental. **Estudos e pesquisas em psicologia**, v. 6, n. 1, p. 63-75, 2006.

OLIVEIRA, Dalila Andrade. A reestruturação do trabalho docente: precarização e flexibilização. **Educação & Sociedade**, v. 25, n. 89, p. 1127-1144, 2004. Disponível em: [https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S010173302004000400003&script=sci\\_arttext&tln\\_g=pt](https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S010173302004000400003&script=sci_arttext&tln_g=pt) Acesso: 27/09/2020.

OLIVEIRA, Francisco de Assis Furtado de. **Tessituras sobre a relação trabalho e saúde na vida do professor de Educação Física da Rede Estadual de Ensino de Pelotas/RS**. 2016. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Pelotas.

OSBORNE, Bruce Patrick et al. **A precarização do trabalho docente: a figura do professor substituto na Universidade Federal do Amazonas**. 2019

PASINI, Carlos Giovanni Delevati; CARVALHO, E.; ALMEIDA, Lucy Hellen Coutinho. A educação híbrida em tempos de pandemia: algumas considerações. **FAPERGS. Ministério da Educação. Universidade Federal de Santa Maria**, 2020.

PAIVA, K. C. M.; MARQUES, Antônio Luiz. Qualidade de vida, stress e situação de trabalho de profissionais docentes: uma comparação entre o público e o privado. **Encontro da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Administração**, v. 23, 1999.

PERRENOUD, Philippe. A ambiguidade dos saberes e da relação com o saber na profissão de professor. **Ensinar: agir na urgência, decidir na incerteza, do mesmo autor. Porto Alegre: Artmed**, p. 135-193, 2001.

PIOVEZAN, Patricia Regina. **As políticas educacionais e a precarização do trabalho docente no Brasil e em Portugal**. 2017

PEREIRA, M.G. **Epidemiologia: teoria e prática**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1995.

PINTO, Geraldo Augusto. **A organização do Trabalho no Século 20: Taylorismo, Fordismo e Toyotismo**. São Paulo: Expressão Popular, 2007.

PINA, José Augusto; STOTZ, Eduardo Navarro. Intensificação do trabalho e saúde dos trabalhadores: um estudo na Mercedes Benz do Brasil, São Bernardo do Campo, São Paulo1. **Saúde e Sociedade**, v. 24, p. 826-840, 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-12902015131966>. Acesso: 11/09/2020.

PRIEB, Sérgio A. M. **O trabalho à beira do abismo – uma crítica marxista à tese do fim da centralidade do trabalho**. Ijuí: Editora Unijuí, 2005.

RESENDE, Marilúcia Antônia; MARTINS, Pura Lúcia Oliver. A formação de professores para a educação infantil no limiar dos vinte anos da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional 9.394/96. **Rev. Diálogo Educ.**, Curitiba, v. 16, n. 50, p. 809-829, out./dez. 2016.

RIBEIRO, Amanda Cristina; ARAËJO, Renan Bandeirante de. As transformações do trabalho docente: ser professor hoje. **Praxis Educativa**, [S.L.], v. 13, n. 2, p. 407-424, 2018. Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG).

ROSA, Cristiane da; CARLOTTO, Mary Sandra. Síndrome de Burnout e satisfação no trabalho em profissionais de uma instituição hospitalar. **Revista da SBPH**, v. 8, n. 2, p. 1-15, 2005. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S151608582005000200002](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S151608582005000200002) Acesso: 18/09/2020.

RAUPP, Luciane Marques; JUSTIN, Douglas Eliesler Justen Eliesler. Síndrome de Bournout em professores do ensino médio: um estudo qualitativo baseado no modelo biográfico de Kelchtermans. **Barbarói**, n. 46, p. 81-97, 2016.

REZENDE, Enivalda Vieira dos Santos. **Resiliência no contexto da prática pedagógica de professoras de escolas públicas municipais do Recife**. 2016.

SATO, Leny; LACAZ, Francisco Antonio de Castro; BERNARDO, Márcia Hespanhol. Psicologia e saúde do trabalhador: práticas e investigações na Saúde Pública de São Paulo. **Estudos de psicologia** (Natal), v. 11, n. 3, p. 281-288, 2006.

SANTOS, Adriana Regina de Jesus-Uel et al. Representações em relação à precarização do trabalho docente: um olhar dos alunos do Curso de História da Universidade Estadual de Londrina. **Revista Eletrônica Pro-docência. UEL. Londrina**, n. 1, p. 1-11.

SAMPAIO, R. F.; MANCINI, M. C. **Estudos de Revisão Sistemática: um guia para síntese criteriosa da evidência científica**. V. 11, n. 1. São Carlos-SP: Revista Brasileira de Fisioterapia, p. 83-89, 2007.

SILVA, Joelma Ramos Serejo; ALCÂNTARA, Ramon Luís de Santana. **Subjetividade docente diante da precarização do trabalho**. Revista Amazônica, Maranhão, v. 21, p. 72-88, 01 2018 Disponível em: <https://periodicos.ufam.edu.br/index.php/amazonica/article/view/4707/3817> Acesso: 17/09/2020.

SZNELWAR, Laerte Idal; UCHIDA, Seiji; LANCMAN, Selma. A subjetividade no trabalho em questão. **Tempo social**, v. 23, n. 1, p. 11-30, 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/ts/v23n1/v23n1a02> Acesso em: 12/09/2020.

SILVA, Raquel Vitória Souza; DEUSDEDIT-JÚNIOR, Manoel; BATISTA, Matilde Agero. A relação entre reconhecimento, trabalho e saúde sob o olhar da Psicodinâmica do Trabalho e da Clínica da Atividade: debates em psicologia do trabalho. Gerais: **Revista Interinstitucional de Psicologia**, v. 8, n. 2, p. 415-427, 2015.

SIMARDI NETO, Moacir. **Neoliberalismo e educação: a precarização do trabalho docente e da educação pública no estado de São Paulo**. 2019.

SOUZA, Katia Reis et al. A nova organização do trabalho na universidade pública: consequências coletivas da precarização na saúde dos docentes. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 22, p. 3667-3676, 2017..

TARDIF, M. LESSARD, C. **O trabalho docente: elementos para uma teoria da docência como profissão de interação humana**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2012.

TARDIF, M. **Saberes docentes e formação profissional**. Petrópolis: Vozes, 2002.

TEIXEIRA, Déa Lúcia Pimentel; DE SOUZA, Maria Carolina AF. Organização do processo de trabalho na evolução do capitalismo. **Revista de Administração de Empresas**, v. 25, n. 4, p. 65-72, 1985.

TORRES, Edileuza da Silva et al. **Precarização do trabalho docente**: o caso do professor substituto do Centro de Ciências da Saúde da Universidade Federal da Paraíba. 2019.

VELOSO, Caissa et al. Prazer e sofrimento no trabalho docente em uma escola pública. **Diálogos Interdisciplinares**, v. 5, n. 2, p. 102-127, 2016.